MORTE DA RAZÃO

FRANCIS SCHAEFFER

A MORTE da RAZÃO

O homem já morreu. Deus já morreu. A vida se tornou uma existência sem significado, e o homem não passa de uma roda na engrenagem. A única via de escape passa por um mundo fantástico de experiências, drogas, absurdos, pornografia, uma “experiência final” elusiva, e de loucura.

Se esta é a mentalidade do século vinte, como aconteceu? E como podemos fazer com que a fé cristã tenha sentido para o mundo de hoje? Dr. Schaeffer, Diretor do Comunidad L’Abri na Suíça mostra o histórico de como a arte e a filosofia têm sido o espelho do dualismo existente no pensamento ocidental desde o tempo da Renascença. Hoje, este dualismo se expressa no desespero quanto ao descobrir o racional, e no escape para o mundo não racional que é o único que oferece alguma esperança. Esta tendência é vista na literatura, na arte e na música, no teatro e no cinema, na televisão e na cultura popular.

A MORTE DA RAZÃO

Título do original em inglês:
ESCAPE FROM REASON

Primeira edição em português – 1974

PREFÁCIO

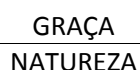
Se alguém vai passar uma longa temporada no exterior, é de se esperar que aprenda a língua do país a que se destina. Mais do que isso, entretanto, faz-se necessário ele poder realmente comunicar-se com aqueles no meio dos quais viverá. Impõe-se-lhe aprender ainda outra língua – a das formas de pensamento das pessoas com quem falará. É somente assim que conseguirá real comunicação com eles e a elas. O mesmo se dá com a Igreja Cristã. Sua responsabilidade não é apenas professar os princípios básicos da fé cristã, à luz das Escrituras; cumpre-lhe comunicar estas verdades imutáveis á geração em que se situa.

Cada geração cristã defronta com este problema de aprender como falar ao seu tempo de maneira comunicativa. É problema que se não pode resolver sem uma compreensão da situação existencial, em constante mudança, com que se defronta. Para que consigamos comunicar a fé cristã de modo eficiente, portanto, temos que conhecer e entender as formas de pensamento da nossa geração. Diferirão elas ligeiramente de lugar para lugar, e em maior grau de nação para nação. Contudo, características há de uma época tal em que vivemos que são as mesmas onde quer que nos achemos. A características tais é que darei especial consideração neste livreto. E o propósito que tenho está longe de ser mera satisfação à curiosidade intelectual. À medida que avançarmos, evidenciar-se-á mais e mais o alcance das conseqüências práticas da compreensão adequada destes movimentos de pensamento hodierno.

Surpreender-se-ão alguns que, analisando as tendências do pensamento moderno, eu comece com Tomás de Aquino e prossiga, tendo-o como ponto de partida, estou, porém persuadido de que o nosso estudo deve interessar-se, não só isoladamente como também conjuntamente, pela história e pela filosofia. Só nos será possível compreender as tendências atuais do mundo do pensamento, se visualizarmos a situação segundo sua origem histórica e, ao mesmo tempo, atentarmos minuciosamente par ao desenvolvimento das formas de pensamento filosófico. Somente após havermos efetuado este ponto preliminar teremos condições para enfrentar os aspectos práticos da questão de como comunicar a verdade imutável a um mundo em mudança.

1.
Natureza e Graça

Natureza e Graça – Tomás de Aquino e o autônomo – Pintores e escritores – Natureza versus graça – Leonardo da Vinci e Rafael.

A origem do homem moderno se pode atribuir a diversos períodos. Todavia, partirei do ensino de alguém que transformou o mundo de modo muito real. Tomás de Aquino (1225-1274) abriu caminho para a discussão do que convencionalmente é designado de “natureza e graça”. Elas podem ser representadas em termos do seguinte diagrama:

GRAÇA
———
NATUREZA

Este diagrama pode ser ampliado nos seguintes moldes, mostrando o que se inclui em ambos os níveis:

GRAÇA, O NÍVEL SUPERIOR

DEUS O CRIADOR; O CÉU E AS COISAS CELESTES; O INVISÍVEL E SUA INFLUÊNCIA NA TERRA; A ALMA HUMANA; A UNIDADE

NATUREZA, O NÍVEL INFERIOR

A CRIAÇÃO; A TERRA E AS COISAS TERRENAS; O VISÍVEL E O QUE FAZEM A NATUREZA E O HOMEM NA TERRA; O CORPO HUMANO; A DIVERSIDADE

Até esta época, as formas de pensamento haviam sido bizantinas. As realidades celestiais capitalizavam toda importância e se revestiam de tal santidade que não eram retratadas de maneira realista. É o que se observa com relação a Maria e a Jesus Cristo: - não são nunca retratados de forma realista nesta fase. Retratam-se apenas símbolos. Assim, se examinarmos qualquer dos mosaicos do fim do período bizantino no batistério de Florença, por exemplo, não é um retrato de Maria que veremos, mas um símbolo que representa Maria.

Por outro lado, a natureza em si – as árvores e as montanhas – não se revestia de interesse para o artista, exceto como sendo parte desse mundo em que vivemos. O alpinismo, por exemplo, simplesmente não exercia apelo algum como escalada a ser intentada pelo prazer de subir montanhas. Como veremos, esse esporte como tal só veio a surgir realmente quando ao fim se

despertou um novo interesse pela natureza. Destarte, antes de Tomás de Aquino, dava-se esmagadora ênfase às coisas celestes, tão remotas e transcendentes, tão santas e sublimes, representadas através de símbolos, com pouco interesse pela natureza como tal. Com o advento de Tomás de Aquino temos o verdadeiro surto da Renascença humanista.

A concepção tomista da natureza e graça não envolvia completa descontinuidade dos dois princípios porquanto sustentava Tomás de Aquino um conceito de unidade que as correlacionava. Desde os tempos de Aquino, por muitos anos a seguir, houve empenho constante de estabelecer-se uma unidade da graça e natureza, bem como a esperança de que a racionalidade houvesse de dizer algo a respeito de uma e outra.

Uma boa porção de coisas excelentes adveio do surto do pensamento renascentista. De modo particular a natureza passou a usufruir de conceito mais apropriado. Do ponto de vista bíblico a natureza é importante porquanto criada por deus e, por isso, não deve ser menosprezada. Nem devem ás coisas relativas ao corpo ser desprezadas quando comparadas com as da alma. Tudo que reflete a beleza se reveste de importância. A sexualidade em si mesma não é um mal. Tudo isto se integra no fato de que Deus nos outorgou na própria natureza uma dádiva excelente, pelo que, se o homem a desdenha, está na realidade atentando contra a dignidade daquilo que é criação divina. Destarte em certo sentido está desprezando o próprio Deus, pois que despreza o que Deus criou.

Tomás de Aquino e o Autônomo

Ao mesmo tempo estamos agora em condições de ver o significado do diagrama da natureza e graça numa perspectiva diferente. Embora bons resultados adviessem da posição de maior realce conferida à natureza, isso deu lugar a muita coisa de cunho destrutivo, como se verá. Na concepção tomista a vontade humana estava caída, mas não o intelecto. Dessa noção incompleta do conceito bíblico da Queda, defluiram todas as dificuldades subseqüentes. O intelecto humano se tornou autônomo. Em um aspecto era o homem agora independente, autônomo.

Esta esfera do autônomo em Tomás de Aquino assume várias formas. Um dos resultados, por exemplo, foi o desenvolvimento da teologia natural. Nesta perspectiva, a teologia natural é uma teologia que se poderia formular independentemente das Escrituras. Embora fosse um estudo autônomo, ele esperava que resultasse numa unidade e dizia existir uma correlação inegável entre a teologia natural e a Bíblia. O ponto importante, porém, no que se seguiu foi que uma [área completamente autônoma assim se estabelecia.

Com base neste princípio de autonomia, também a filosofia se tornou livre e se separou da revelação. Portanto, a filosofia começou a criar asas, por assim dizer, voando por onde quer que lhe aprazia, deixando à margem as Escrituras. Não quer isto dizer que essa tendência não se manifestara em tempos anteriores, apenas que de agora em diante se patenteia de maneira mais completa.

Nem se limitou à teologia filosófica de Tomás de Aquino. Bem logo se fez sentir no mundo da arte.

O processo educacional hodierno tem um ponto falho por não levar em conta as associações naturais entre as diferentes disciplinas. Tendemos a estudá-las todas á parte, em linhas paralelas.

Esta tendência é real tanto na educação secular como na educação cristã. Esta é uma das razões porque evangélicos se têm surpreendido ante a tremenda mudança produzida em nossa geração. Temos estudado exegese apenas como exegese, teologia apenas como teologia, filosofia apenas como filosofia; estudamos algo na esfera da arte, apenas como arte; estudamos música simplesmente como sendo música, despercebidos de que são elaborações humanas e as coisas do homem não se podem conceber como linhas paralelas não relacionadas.

Há diversas maneiras em que esta associação de teologia, filosofia e arte emergiu em seqüela a Tomás de Aquino.

Pintores e Escritores

O primeiro artista a ser assim influenciado foi Cimabue (1240-1302), mestre de Giotto (1267-1337). Visto que Tomás de Aquino viveu de 1225 a 1274, estas influências se fizeram sentir bem depressa no campo da arte. Ao invés de situarem todos os motivos da arte acima da linha divisória entre a natureza e a graça na maneira simbólica do Bizantino, Cimabue e Giotto começaram a pintar as coisas da natureza como natureza. Neste período de transição a mudança não ocorreu toda de uma vez. Havia, por isso, a tendência, a princípio, de se pintarem os elementos de menos importância no quadro de forma naturalista, continuando, porém a se representar Maria, por exemplo como um Símbolo.

Depois Dante (1265-1321) passou a escrever de maneira como estes artistas pintava. De repente, tudo começa a alterar-se no sentido de que a natureza veio a tornar-se importante. Idêntica expressão pode-se perceber nos renomados escritores Petrarca (1304-1374) e Bocácio (1313-1375). Petrarca foi o primeiro de quem se ouviu dizer jamais haver escalado montanhas sem ser pelo simples prazer de fazê-lo. Tal interesse pela natureza como Deus a criou é, como já vimos, bom e apropriado. Tomás de Aquino, porém, havia aberto caminho a um Humanismo Autônomo, uma filosofia autônoma e, tão logo o movimento adquiriu força, a tendência se tornou um verdadeiro dilúvio.

Natureza versus Graça

O princípio vital a notar-se é que, à medida que a natureza se fazia autônoma, passava a ”devorar” a graça. Através da Renascença, de Dante a Miguel Ângelo, gradualmente a natureza se fez mais inteiramente autônoma. Ela libertou-se de Deus à medida que os filósofos humanistas começaram a operar cada vez mais à vontade. Quando a Renascença chegou ao seu clímax, a natureza havia devorado a graça.

De várias maneiras pode-se demonstrar isto. Comecemos com uma miniatura conhecida como *Grandes Heures de Rohan (Grandes Horas de Rohan)*, pintada por volta de 1415. O motivo que explora é uma estória miraculosa do período. Maria, José e o menino, em fuga para o Egito, passam por um campo em que um homem está semeando, e um milagre se realiza. Germina o grão semeado, e cresce no espaço de mais ou menos uma hora, e se mostra em condições de ser ceifado. Quando o homem se põe a cortar o trigo, aparecem os soldados que vinham em perseguição à família fugitiva e indagam: “Quanto tempo faz que passaram por aqui?” Responde o

lavrador que na ocasião ele estava semeando aquele cereal e, diante disso, os soldados retrocedem. Não é, porém, propriamente a estória que nos interessa mas a maneira como se dispõem as figuras na miniatura. Em primeiro lugar, há uma notória diferença no tamanho das figuras de Maria e José, do menino, do criado e do jumento, que ocupam a parte superior da tela e a dominam pelas dimensões avultadas, e as minúsculas representações do soldado e do homem que empunha a foice na porção inferior do quadro. Em segundo lugar, a mensagem se evidencia não só mercê do porte das figuras superiores mas ainda pelo fato de que o fundo dessa porção é coberto de linhas douradas. Há, pois, total expressão pictórica da graça e da natureza.

Este é o antigo conceito, a graça avultadamente importante, a natureza merecendo pouco destaque.

No Norte Europeu, Van Eyck (1380-1441) foi quem abriu a porta à natureza numa nova maneira. Começou a pintar a natureza real, tal qual se mostra. Em 1410, data muito importante na história da arte, pintou uma miniatura de reduzidas proporções. Mede apenas doze por oito centímetros. É, contudo, um quadro de tremendo significado porque representa a primeira paisagem real. Deu origem a todos os fundos de quadro que surgiram posteriormente no decurso da Renascença. O tema é o batismo de Jesus, mas a cena abrange apenas diminuta área no quadro como um todo. O fundo apresenta um rio, um castelo muito real, casas, colinas e outros elementos – paisagem natural: a natureza se tornou importante. Depois desta, paisagens do gênero se difundiram rapidamente do norte ao sul da Europa.

Surge logo o estágio seguinte. Em 1435, Van Eyck pintou a *Madona do Chanceler Rolin* – hoje no Museu do Louvre em Paris. A característica significante é que o Chanceler Rolin, ao defrontar-se com Maria, tem as mesmas dimensões que ela. Maria não mais se retrata remota, o Chanceler não mais uma figura minúscula, como teria sido o caso em relação aos patrocinadores do período anterior. Embora tenha as mãos em postura de prece, aparece em pé de igualdade com Maria. De agora em diante a pressão se faz sentir: como resolver este equilíbrio entre a graça e a natureza?

Neste ponto cabe uma menção a Masaccio (1401-1428), outro vulto importante. Ele dá o próximo grande passo na Itália após Giotto, que faleceu em 1337, por introduzir perspectiva e espaço reais. Pela primeira vez, a luz é projetada da direção própria. Por exemplo, na maravilhosa Capela Carmina em Florença, há uma janela que ele levou em consideração ao pintar os quadros nas paredes, de sorte que as sombras nas pinturas caem na posição que a luz advinda dessa janela determinada. Estava Masaccio fitando a natureza real, verdadeira. Pintava de tal modo que seus quadros pareciam refletir a exata perspectiva da realidade em três dimensões; dão a sensação de atmosfera; e ele introduziu a composição real. Viveu apenas até os vinte e sete anos; entretanto, abriu quase de completo a porta à natureza. Com a obra de Masaccio, assim como a maior pare dos trabalhos de Van Eyck, a ênfase à natureza foi AL que poderia ter levado à pintura um verdadeiro ponto de vista bíblico.

Com Filippo Lippi (1406-1469), salta à vista que a natureza começa a "devorar" a graça de modo mais sério do que se viu na *Madona do Chanceler Rolin*, de Van Eyck. Bem poucos anos antes, artista nenhum ousaria pensar em pintar Maria em moldes naturais – pintar-lhe-ia apenas um símbolo. Quando, porém, Filippo Lippi executou o quadro da *Madona* em 1465 a mudança que se patenteava era surpreendente. Retratava uma jovem extremamente formosa com uma criança nos braços em uma paisagem que sem dúvida fora grandemente influenciada pela obra de Van Eyck. Esta *Madona* já não mais era um símbolo remoto, distante, de cunho transcendente, era

uma linda jovem com uma criança. Mas há algo ainda que devemos saber acerca deste quadro. A jovem que representava Maria era nada menos que sua amante, fato conhecido de toda Florença. Ninguém teria ousado fazer isso alguns anos antes. A natureza estava matando a graça.

Na França, Fouquet (cerca de 1416-1480) pintou, por volta de 1450, a amante do rei, Agnes Sorel, como Maria. Todos quantos conheciam a Corte de perto, vendo o quadro, sabiam tratar-se da então amante do rei. Ademais, Fouquet pintou-a com um dos seios a mostra. Enquanto nos tempos precedentes a representação seria de Maria amamentando o menino Jesus, agora era a amante do rei, com um seio à vista – e a graça estava morta!

O ponto a acentuar-se é que a natureza, uma vez tratada como coisa autônoma, reveste-se de caráter destrutivo. Tão logo se estabelece esse reino autônomo verifica-se que o elemento inferior começa a corroer o superior. Daqui por diante referir-me-ei a estes dois elementos como o "andar inferior" e o "andar superior".

Leonardo DaVinci e Rafael

Leonardo da Vinci é a figura que em seguida se impõe à consideração. Ele introduz um novo fator no fluxo da história e mais do que qualquer vulto que o precedeu é a individualidade que mais se aproxima do homem moderno. Viveu de 1452 a 1519, faixa que se reveste de não reduzida importância porquanto coincide com os primórdios da Reforma Protestante. Integra também, e com acentuada relevância, a assinalada mudança que se manifestou no pensamento filosófico. Cósimo, o velho de Florença, que faleceu em 1464, foi o primeiro a perceber a importância da filosofia de Platão. Tomás de Aquino havia introduzido o pensamento aristotélico. Cósimo começou a bater-se pelo Neo-Platonismo. Ficino (1433-1499), o grande neo-platonista, foi mestre de Lourenço, o Magnífico (1449-1492). Nos dias de Leonardo da Vinci era o Neo-Platonismo força dominante em Florença. Assumiu essa relevância simplesmente porque se fazia mister encontrar algo a colocar-se no "andar superior". O Neo-platonismo era guindado a essa privilegiada posição com vistas a restaurar idéias e ideais – isto é, coisas universais.

GRAÇA – UNIVERSAIS
____
NATUREZA - PARTICULARES

Um quadro que ilustra este ponto é *A Escola de Atenas*, de Rafael (1483-1520). Na sala do Vaticano em que se encontra esta obra famosa, Rafael pintou em uma das paredes um mural que representa a Igreja Católica Romana que contrabalança, na parede oposta, *A Escola de Atenas,* que tipifica o pensamento pagão clássico. Em *A Escola de Atenas* Rafael retrata a diferença entre o elemento aristotélico e o platônico. Os dois filósofos ocupam o centro do quadro, Aristóteles com as mãos voltadas para o chão, Platão a apontar para o alto.

Este problema pode-se expressar de outra forma. Onde encontrar a unidade depois de conceder plena liberdade à diversidade? Se são libertadas, de que modo conservá-las num todo uno? Leonardo se debateu com esse problema. Ele era um pintor neo-platônico, e, muitos o tem dito – julgo que com muita propriedade – o primeiro matemático moderno. Percebeu ele que, se partirmos da racionalidade autônoma, chegaremos á matemática (matéria que se pode medir); e a matemática trata somente de particulares, nunca de universais. Portanto, não iremos nunca além da mecânica. A uma pessoa que se apercebia de quão necessária era a unidade, era patente a

insuficiência deste esquema. Procurou, pois pintar a alma. Não a alma cristã; a alma era-lhe a universalidade, a alma, por exemplo, do amor ou da árvore.

ALMA – UNIDADE
MATEMÁTICA – PARTICULARIDADES – MECÂNICA

Uma das razões por que jamais pintou de modo intenso foi simplesmente porque procurou desenhar, sempre desenhar, com vistas a ser capaz de retratar o universal . Não é necessário dizer que jamais o conseguiu.

Giovanni Gentile, um dos maiores expoentes do pensamento filosófico italiano, falecido em tempos relativamente recentes, disse que Leonardo morreu em desalento porquanto não queria abrir mão da esperança de uma unidade racional entre os particulares e o universal.[1] Para haver escapado a esse desalento, necessário teria sido que Leonardo fosse criatura diferente. Ter-lhe-ia sido imperativo desvencilhar-se desse anelo por uma unidade acima e abaixo da linha. Leonardo, que não era pensador da linhagem moderna, jamais abandonou a esperança de um campo de conhecimento unificado. Em outras palavras, não abriria mão da esperança do homem erudito que, no passado, se caracterizou por esta insistência em um todo unificado de conhecimento.

2.
Uma Unidade de Natureza e Graça

A reforma e o homem – Mais acerca do homem – Reforma, renascença e moral – O homem integral

A esta altura é importante observar certas relações históricas. Calvino nasceu em 1509. Suas *Institutas* foram escritas em 1536. Leonardo faleceu em 1519, o mesmo ano em que se travou a Disputa de Leipzig entre Lutero (1483-1546) e Eck. O rei que levara Leonardo para a França no final da vida foi Francisco I, o monarca reinante a quem endereçara Calvino suas *Institutas.* Chegamos, pois, a um ponto de justa posição da Renascença e Reforma. Quanto a este problema de unidade a Reforma deu resposta completamente oposta à da Renascença. A Reforma repudiou tanto a formulação aristoteliana quanto a neo-platônica. Que resposta deu, pois? Sustentou que a raiz da dificuldade brotava do velho e crescente Humanismo que lavrava na Igreja Católica Roman a e do conceito incompleto da Queda expresso na teologia de Tomás de Aquino, que contemplava o homem como autônomo, livre. A Reforma aceitou a noção bíblica de uma Queda total, absoluta. O homem em sua totalidade era obra de Deus; agora, porém, é decaído em toda a sua natureza, inclusive o intelecto e a vontade. Encontraste coma posição tomista, admitia que somente Deus é autônomo.

Isto era verdadeiro em duas áreas. Em primeiro lugar, nada havia de autônomo na área de autoridade final. Para a Reforma, o conhecimento final e suficiente residia na Bíblia – isto é, na Escritura somente, em contraste com a Escritura mais algo paralelo, fosse a Igreja, fosse a teologia natural. Em segundo lugar, não existia a mínima idéia de que o homem seria autônomo na área

[1] LEONARDO DA VINCI (Reynal – Co., New York, 1963), PP. 163-174: O pensamento de Leonardo

da salvação. A posição católica romana esposava uma obra dividida de salvação – Cristo morreu para nossa salvação mas o homem teria que merecer o mérito de Cristo. Destarte, entrava em jogo o elemento humanista. Declararam os Reformadores que nada há que possa o homem fazer; nenhum esforço humano moral ou religioso, humanista ou autônomo pode ajudar. Somos salvos unicamente à base da obra consumada de Cristo, quando morreu no espaço e no tempo na história, e o único meio de obter a salvação é elevar as mãos vazias da fé e, pela graça de Deus, aceitar o dom gratuito de Deus – a Fé somente.

Isto posto, não subsiste divisão em qualquer destas duas áreas. Não há divisão no conhecimento normativo final – por um lado, entre o que a Igreja ou a teologia natural diriam e o que afirma a Bíblia; nem, por outro lado, entre o que a Bíblia e os pensadores racionalistas categorizariam. Nem havia divisão na obra da salvação. Era só a Escritura e só a Fé.

Os evangélicos devem observar, neste ponto, que a Reforma afirmou "a Escritora somente", e não "a Revelação de Deus em Cristo somente". Se não temos das Escrituras o mesmo conceito que tiveram os Reformadores, não contamos como real conteúdo da palavra "Cristo" e esta é a moderna tendência na teologia. Usa a teologia moderna o termo sem conteúdo porquanto concebe um Cristo inteiramente alienado das Escrituras. A Reforma, porém, seguiu o ensino do próprio Cristo vinculando a Revelação que fizera de Deus com a revelação escrita, a Escritura.

A Bíblia oferece a chave a duas espécie de conhecimento – o conhecimento de Deus e o conhecimento do homem e da natureza. As grandes confissões da Reforma acentuam que Deus revelou Seus atributos ao homem nas Escrituras e que esta revelação se revestiu de significado tanto para Deus como para o homem. Não poderia ter havido a Reforma, nem cultura reformada na Europa Setentrional, sem a compreensão de que Deus falara ao homem na Bíblia e de que, portanto, conhecemos algo verdadeiramente acerca de Deus, porque Deus o revelou ao homem.

É um importante princípio a lembrar, no interesse contemporâneo em comunicação e em lingüística, que na formulação bíblica, embora não tenhamos a verdade completa, auferimos da Bíblia o que eu designaria de "verdade verdadeira". Diante disso, conhecemos a verdade verdadeira acerca de Deus, a verdade verdadeira acerca do homem e algo verdadeiro acerca da natureza. Desta sorte, com base nas Escrituras, embora não tenhamos conhecimento completo, alcançamos conhecimento verdadeiro e unificado.

A Reforma e o Homem

Conhecemos, pois, algo deslumbrante a respeito do homem. Entre outras coisas, conhecemos a sua origem e quem ele é – criado à imagem de Deus. É o homem maravilhoso não apenas quando é "nascido de novo" como um cristão, é também maravilhoso como o fez Deus a Sua própria imagem. Tem o homem valor e dignidade em função daquilo que foi originalmente, antes da Queda.

Estava, há pouco, fazendo uma série de preleções em Santa Bárbara, quando me foi apresentado um rapaz viciado em entorpecentes. Era um jovem de semblante delicado e expressivo, cabelos longos e encaracolados, os pés calçados com sandálias, e trajava calça rancheira. Assistiu a uma das preleções e confessou: "Isto é completa novidade para mim; nunca ouvi coisa alguma igual a isto". Voltou na tarde seguinte e eu o saudei. Olhou-me firmemente nos olhos e disse: "O senhor

me cumprimentou de maneira tocante. Por que me tratou assim?" Respondi-lhe: "é porque eu sei quem você é – sem que você foi criado à imagem de Deus". Em seguida tivemos uma demorada e notável conversa. Não podemos tratar as pessoas como seres humanos, não podemos vê-las no alto nível da verdadeira humanidade, a menos que conheçamos realmente a sua origem – quem são. Deus diz ao homem quem ele é. Deus nos declara que Ele criou o homem à própria imagem. Portanto, o ser humano é algo maravilhoso.

Deus, entretanto, nos diz algo mais a respeito do homem – fala-nos acerca da Queda. Isto introduz o outro elemento que precisamos conhecer a fim de entendermos o ser humano. Por que é, a um tempo, criatura tão maravilhosa e tão degradada? Quem é o homem? Quem sou eu? Por que pode o homem realizar estas coisas que o fazem único, no entanto, porque é ele tão horrível? Por que?

Diz a Bíblia que você é maravilhoso porque é feito à imagem de Deus e degradado porque, em determinado ponto espácio-temporal na história, o ser humano caiu. O homem da Reforma sabia que a criatura marcha rumo ao Inferno em razão da revolta contra Deus. Todavia o homem da Reforma e aqueles que após a Reforma forjaram a cultura do Norte Europeu sabiam que, enquanto o homem é moralmente culpado diante do Deus que existe, ele não é o *nada.* O homem moderno tende a julgar-se ser nada. Aqueles, entretanto, sabiam que eram exatamente o oposto do nada porque conheciam o sentido de serem feitos à imagem de Deus. Embora decaídos e, a parte da solução não-humanista de Cristo e Sua morte substicionária, iriam para o Inferno, isto não significava, contudo que eram nada. Quando a Palavra de Deus,a Bíblia veio a ser ouvida, a Reforma teve resultados tremendos, tanto nas pessoas individualmente, que se tornavam genuínos cristãos, como na cultura em geral.

O que a Reforma nos diz, pois, é que Deus falou nas Escrituras tanto acerca do "andar de cima" como do "andar de baixo". Falou em verdadeira revelação acerca de Si mesmo – as coisas celestiais – e falou em verdadeira revelação a respeito da própria natureza – o cosmos e o homem. Portanto, tinham os Reformadores uma real unidade de conhecimento. Eles simplesmente não tinham o problema renascentista de graça e natureza! Obtinham real unidade, não que fossem mais sagazes, mas porque alcançavam uma unidade cuja base se achava no que Deus revelara em ambas as áreas. Em contraste com o Humanismo de Tomás de Aquino liberara e o Humanismo que o Catolicismo Romano fomentara, não reconhecia a Reforma qualquer porção autônoma.

Não queria isto dizer que não restava liberdade para a arte ou a ciência. O oposto é que era verdade; havia agora a possibilidade da verdadeira liberdade dentro da forma revelada. Contudo, ainda que haja liberdade para a arte e a ciência, não são elas autônomas – o artista e o cientista também se acham debaixo da revelação das Escrituras. Como se verá, sempre que a arte ou a ciência procuraram fazer-se autônomas, certo princípio sempre se manifestou – a natureza "devora" a graça e, consequentemente, a arte e a ciência bem logo começaram a parecer destituídas de significação.

A Reforma teve não poucos resultados de tremendo alcance e tornou possível a cultura que tantos dentre nós admiramos afetuosamente – ainda que a nossa geração a esteja agora lançando fora. Confronta-nos a Reforma um Adão que era, usando a terminologia característica da forma de pensamento do século vinte, um homem não-programado – não arranjado como um cartão perfurado de um sistema de computação. Uma característica que marca o homem do século vinte é que ele não pode visualizar isto, uma vez que é de todo infiltrado por um conceito de

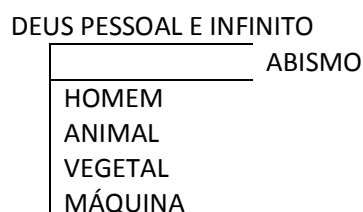
determinismo. A perspectiva bíblica, entretanto, é clara – homem não pode ser explicado como totalmente determinado e condicionado – posição que forjou o conceito da dignidade do homem. Há pessoas que buscam hoje apegar-se à dignidade do homem, entretanto não têm base conveniente em que se fundamentar pois que perderam a verdade de que o homem foi feito à imagem de Deus. Ele era um homem não programado, um homem revestido de significado numa história de alto sentido, capaz de alterar a história.

Temos, pois, no pensamento da Reforma um homem que é alguém. Vemo-lo, porém, envolvido numa condição de revolta e a rebeldia é real – jamais uma “peça de teatro”. Uma vez que é um ser não programado e de fato se revolta, ele incide em genuína culpabilidade moral. À vista disto, os Reformadores compreenderam algo mais. Tiveram uma compreensão bíblica da obra de Cristo. Compreenderam que Jesus morreu na cruz em função substitutiva e em ação propiciatória a fim de salvar o homem da verdadeira culpa que sobre ele pesa. Necessitamos reconhecer que, no instante em que nos pomos a alterar a noção bíblica da verdadeira culpa moral, seja falsificação psicológica, seja a falsificação teológica ou seja de qualquer outra forma, nosso conceito da obra de Jesus não mais será bíblico. Cristo morreu pelo homem que tinha uma culpa moral verdadeira por ele próprio ter feito essa real e verdadeira escolha.

Mais acerca do Homem

Algo mais nos cumpre agora ver acerca do homem. Para tanto, importa-nos ter em mente que tudo no sistema bíblico remonta a Deus. Admiro o sistema bíblico visto como sistema. Embora possamos não gostar da conotação do termo *sistema*, pois que se afigura um tanto frio, não quer isto dizer que o ensino bíblico não constitua um sistema. Tudo recede ao princípio e, dessa forma o sistema se reveste de beleza e perfeição únicas, uma vez que tudo se acha sob o ápice do sistema. Tudo começa com a espécie de Deus que está “presente”. Este é o princípio e o ápice de todo, tudo daí defluindo de maneira não contraditória. Diz-nos a Bíblia que Deus é um Deus vivo e muito nos conta a Seu respeito. Talvez o que de maior significação pareça para o homem do século vinte é que a Bíblia caracteriza a Deus como pessoal e também como infinito. Este é o tipo de Deus que está “presente”, que existe. Ademais, este é o único sistema,a única religião que aceita Deus com estas características. Os deuses orientais são infinitos por definição, na acepção de que a tudo abarcam – o bem tanto quanto o mal – contudo, não são pessoais. Os deuses ocidentais eram pessoais, todavia, muito limitados. Os deuses teutões, ou romanos, ou gregos, eram todos do mesmo jaez – pessoais, porém não infinitos. O Deus da fé cristã, Deus da Bíblia é pessoal e infinito.

Este Deus da Bíblia, pessoal e infinito é o Criador de tudo mais. Deus criou todas as coisas e as criou do nada. Logo, tudo mais é finito, criatura. Ele, e Ele somente, é o Criador infinito. Podemos representar graficamente este fato assim:

DEUS PESSOAL E INFINITO
ABISMO
HOMEM
ANIMAL
VEGETAL
MÁQUINA

Ele criou o homem, os animais, as flores, a máquina. Do ponto de vista de Sua infinitude, o homem está tão separado de Deus quanto a máquina. Mas diz-nos a Bíblia, quando encaramos o fato do ângulo da personalidade humana, deparamo-nos com algo bastante diferente. O abismo, a separação, está num outro ponto:

DEUS PESSOAL E INFINITO

			ABISMO
	HOMEM	HOMEM	
ABISMO			
	ANIMAL	ANIMAL	
	VEGETAL	VEGETAL	
	MÁQUINA	MÁQUINA	

Assim, o homem tendo sido criado à imagem de Deus, foi destinado a usufruir com Ele uma relação pessoal. A relação do homem é ascensional (para cima), não apenas descensional (para baixo). Quando tratamos com pessoas do século vinte, esta diferença assume crucial importância. O homem moderno visualiza sua relação descensionalmente, em termos do animal e da máquina. A Bíblia rejeita este conceito da natureza e sentido do homem. Do ponto de vista da personalidade somos diretamente relacionados com Deus. Não somos infinitos, somos finitos; não obstante, somos plenamente pessoais, somos feitos à imagem do Deus pessoal que existe.

Reforma, Renascença e Moral

Há não poucos resultados práticos dessas diferenças entre o pensamento da Renascença e o da Reforma. De vasta área se poderiam amealhar ilustrações. Por exemplo, a Renascença outorgou liberdade à mulher. Não menos o fez a Reforma – com grande diferença, porém. A obra de Jacob Burckhardt – *A Civilização da Renascença na Itália*, publicada na Basiléia em 1860 é ainda padrão nestas questões. Ressalta ele que a mulher da Renascença na Itália era livre, contudo, ao preço elevado da imoralidade geral. Burckhardt (1818-1897) gasta páginas e mais páginas para ilustrar este fato.

A que se deveu isto? Ao conceito então vigente de graça e natureza. Tais coisas jamais são apenas teóricas, pois que o homem age de acordo com o seu modo de pensar:

POETAS LÍRICOS – "AMOR ESPIRITUAL" – AMOR IDEAL
___
NOVELISTAS E POETAS CÔMICOS – AMOR SENSUAL

Na porção superior estão os poetas líricos, que cantaram o "amor espiritual" e o amor idela. Na inferior, os novelistas e poetas cômicos a apregoarem o amor sensual. Houve um dilúvio de obras pornográficas. Este elemento do período renascentista não se limitou à literatura, caracterizou o próprio estilo de vida que levavam os homens dessa época. O homem autônomo viu-se embalado em insolúvel dualidade. É o que se vê em Dante, por exemplo. Apaixonou-se por uma donzela à primeira vista e a amou por toda a vida. Mas, a despeito disso, casou-se com outra mulher, que lhe deu filhos e lhe lavava os pratos.

O fato simples é que esta separação natureza-graça invadiu toda a estrutura da vida renascentista e o “andar inferior” autônomo corroeu sempre o “superior”.

O Homem Integral

Muito diferente era, e é a perspectiva bíblica sustentada pela Reforma. Não é uma concepção platônica. A alma não é mais importante que o corpo. Deus criou o homem no seu todo e o homem todo é importante. A doutrina da ressurreição corpórea dos mortos não é coisa superada, anacrônica. Ela nos diz que Deus ama o homem todo e que o ser humano é importante em sua totalidade. Portanto, o ensino bíblico se opõe ao platônico, segundo o qual a alma (o “superior”) é muito importante enquanto que o corpo (o “inferior”) fica com bem reduzida importância. A concepção bíblica opõe-se de igual modo à posição humanista em que o corpo e a mente autônoma assumem grande relevância mas a graça se faz praticamente destituída de significação.

A posição bíblica, acentuada pela Reforma, sustenta que nem a concepção platônica nem a humanista satisfaz. Primeiro, Deus fez o homem todo e está interessado na totalidade do ser humano. Segundo, quando se deu a Queda, fato histórico que ocorreu no tempo e no espaço, ela afetou o homem inteiro. Terceiro, à base da obra de Cristo como Salvador e mercê do conhecimento que temos na revelação das Escrituras, há redenção para o homem no seu todo. No futuro, o homem integral será levantado dentre os mortos e redimido perfeitamente.

Diz Paulo, no capítulo 6 da Epístola aos Romanos, que já na presente vida temos uma substancial realidade da redenção do homem como um todo. Ela se processa à base do sangue de Cristo derramado e no poder do Espírito Santo mediante a fé, embora não seja perfeita nesta vida. Existe o soberano senhorio de Cristo sobre todo o homem. É isto o que os Reformadores entenderam e a Bíblia ensina. Na Holanda, por exemplo mais do que no Cristianismo anglo-saxão, eles acentuaram que isto significava o senhorio de Cristo na cultura.

Desta sorte, isto que dizer que Cristo é Senhor em ambas as áreas igualmente:

GRAÇA
______
NATUREZA

Nada há autônomo – nada à parte do soberano senhorio de Jesus Cristo e da autoridade das Escrituras. Deus fez o homem todo e está interessado no homem todo, e o resultado é uma unidade. Desta forma, ao mesmo tempo em que se processava o nascimento do homem moderno na Renascença, a Reforma dava a única resposta adequada ao dilema humano. Em contraste, o dualismo no homem renascentista trouxe à tona as modernas formas de Humanismo, com as misérias e sofrimentos do homem moderno.

3.
A ciência moderna nos primórdios

A ciência moderna nos primórdios – Kant e Rousseau – A moderna ciência moderna – A moderna mortalidade moderna – Hegel – Kierkegaard e a linha do desespero

A ciência exerceu papel de grande destaque na situação que temos delineado. O que nos importa reconhecer, entretanto, é que a ciência moderna em seus primórdios foi o produto daqueles que viveram no consenso e cenário do Cristianismo. Um homem como J. Robert Oppenheimer, por exemplo, a despeito de não ser cristão, compreendeu este fato. Afirmou que o Cristianismo era necessário para dar origem à ciência moderna[2]. O cristianismo era necessário para o começo da ciência moderna pela simples razão de que o cristianismo criou um clima de pensamento que colocou o homem em posição de investigar a forma do universo.

Jean-Paul Sartre (nascido em 1905) afirma que a grande questão filosófica é que algo existe e não que nada existe.

Não importa o que pensa o homem, ele tem de se haver com o fato e o problema de que há algo que realmente existe. O cristianismo oferece uma explicação do porque desta existência objetiva. Em contraste com o pensamento oriental, a tradição hebraico-cristã afirma que Deus criou um universo real fora de Si mesmo. Não estou atribuindo à expressão "fora de si mesmo" uma aceção espacial; quero apenas dizer que o universo não é uma extensão da essência de Deus , não é simplesmente um sonho de Deus algo existe realmente, para se pensar, com que se tratar e investigar, revestido de uma realidade objetiva. O cristianismo outorga certeza da realidade objetiva e de causa e efeito, certeza suficientemente sólida para que sobre ela se assente o fundamento do saber. Destarte, existem realmente o objeto, e a história, e a causa e o efeito.

Ademais, muitos dos primeiros cientistas tiveram a mesma perspectiva geral de Francis Bacon (1561-1626), que afirmou, na obra *Novum Organum Scientiarum (O novo órgão das ciências):* "O homem pela Q Ueda decaiu ao mesmo tempo do estado de inocência e do domínio sobre a natureza. Ambas essas perdas, entretanto, podem ser mesmo nesta vida reparadas em parte; a primeira religião e pela fé, a segunda pelas artes e ciências". Portanto, a ciência como ciência (e a arte como arte) foi admitida, no melhor sentido, como atividade religiosa. Note-se na citação supra o fato de que Francis Bacon não via a ciência como autônoma, pois se situava no âmbito da revelação das Escrituras ao ponto da Queda. Todavia, dentro dessa "forma", a ciência (e a arte) era livre e de valor intrínseco não só diante dos homens como também de Deus.

Os primeiros cientistas compartilharam também da perspectiva do cristianismo na crença de que há um Deus racional, que criou um universo racional e, portanto, o homem mediante o uso da própria razão, possui a capacidade de descobrir a forma do universo.

Estas contribuições de tão alta monta, que nós hodiernamente tomamos por fatos óbvios, deram surto à ciência moderna em seus primórdios. Seria, não há dúvida, uma grande questão se os cientistas do presente, que operam sem estes pressupostos e motivos, teriam ou poderiam ter dado início à ciência moderna. A natureza teve que ser libertada da mentalidade bizantina e ser

---

[2] "On Science and Culture" (Sobre Ciência e Cultura), em ENCOUNTER (Encontro), Outubro de 1962.

restaurada a uma correta ênfase bíblica. E a mentalidade bíblica é que deu origem à ciência moderna.

A ciência nos seus primórdios era uma ciência natural porque tratava de coisas naturais, mas longe estava de ser naturalista, pois, embora sustentasse a uniformidade das causas naturais, não concebia a Deus e ao homem como presos dentro do mecanismo. Tais cientistas nutriam a convicção, primeiro, de que Deus propiciou conhecimento ao homem – conhecimento de Si próprio e também do universo e da história; e, segundo, de que Deus e o homem não eram partes do mecanismo e poderiam afetar a operação do processo de causa e efeito. Dessa forma, não havia uma situação autônoma no “andar de baixo”.

Assim se desenvolveu a ciência, uma ciência que tratava do mundo natural e real que, porém, ainda não se havia tornado naturalista.

Kant e Rousseau

Após o período Renascença-Reforma, o estágio crucial imediato é atingido na época de Kant (1724-1804) e de Rousseau (1712-1778), embora tenha havido, naturalmente, muitos outros no período interveniente que mereceriam ser estudados. Quando se chega ao tempo de Kant e Rousseau, o senso de autonomia, derivado que foi de Tomás de Aquino, já se encontra plenamente desenvolvido. Destarte, descobre-se agora que o problema se formulara em termos diferentes. Esta mudança de termos na formulação evidencia, por si, o desenvolvimento do problema. Enquanto os homens haviam previamente falado de natureza e graça, a esta altura já não mais restava qualquer idéia de graça – o termo não mais se encaixava. O racionalismo estava já agora bem desenvolvido e entrincheirado; nenhum conceito de revelação subsistia em qualquer área. Consequentemente o problema se definia agora não em termos de “natureza e graça”, mas de “natureza e liberdade”.

LIBERDADE
―――――――
NATUREZA

Mudança titânica é esta, que expressa umm situação secularizada. A natureza devorou totalmente a graça e o que lhe foi deixado em seu lugar no “andar de cima” foi o termo “liberdade”.

O sistema de Kant se rompeu de encontro ao rochedo da tentativa de descobrir uma fórmula, qualquer fórmula, para se estabelecer uma adequada relação entre o mundo fenomenal da natureza e o mundo numenal dos universais. A linha divisória entre os andares superior e inferior é agora muito mais espessa – e logo, bem logo, ainda mais espessa ficará.

Chegamos a este ponto, verificamos que a natureza é agora em verdade tão completamente autônoma que o determinismo começa a emergir. Previamente o determinismo confinara-se quase sempre à área da física ou em outras palavras à porção mecânica do universo.

Contudo embora o andar inferior implicasse a todo tempo um certo determinismo, havia ainda assim um intenso anelo pela liberdade humana. Entretanto, agora também a natureza humana se via como autônoma. No diagrama, tanto a natureza como liberdade são agora autônomas. A

liberdade do indivíduo se concebe não apenas como liberdade sem a necessidade de redenção, mas ainda como liberdade absoluta.

A luta pela preservação da liberdade é sustentada por Rousseau em alto grau. Rousseau e quantos o seguem, mercê de sua literatura e arte, expressam uma decidida rejeição da civilização como o elemento que restringe a liberdade humana. É o surto do ideal boêmio. Sentem a pressão no "andar inferior" do homem reduzido a simples máquina. A ciência naturalista se torna um peso muito grande – um inimigo esmagador começa-se a perder a liberdade. Daí, os homens que ainda não são realmente modernos e, por isso, ainda não aceitaram o fato de que são meras máquinas, começam a abominar a ciência. Anseiam por liberdade, ainda que essa liberdade não se revista de real sentido e, assim, a liberdade autônoma e a máquina autônoma se defrontam, face a face.

Que é a liberdade autônoma? É a liberdade em que o indivíduo é o centro do universo. Liberdade autônoma é a liberdade sem restrições. Portanto, logo que o homem começa a sentir o peso da máquina a oprimi-lo, Rousseau e outros esconjuram e praguejam, por assim dizer, a ciência que lhes ameaça a liberdade humana. A liberdade que advogam é autônoma em que nada há a restringi-la. É a liberdade sem limitações. É a liberdade que não mais se ajusta no mundo racional. Apenas espera e tenta fazer pela força da vontade, com que o indivíduo finito seja livre – e tudo o que resta é expressão própria , expressão pessoal.

Para apreciarmos a significação deste estágio da formação do homem moderno, devemos lembrar que até esta data as escolas de filosofia do Ocidente, a partir da era dos gregos, tinham três importantes princípios em comum.

O primeiro é que eram todas racionalistas. Com isto queremos dizer que o homem começa absoluta e totalmente de si mesmo, coleciona a informação a respeito dos particulares e formula os universais. Este é o sentido próprio do termo racionalista e é nessa acepção que uso a palavra neste livro.

Segundo, todas criam no racional. Este vocábulo não se relaciona com o termo "racionalismo". Agiam firmadas no pressuposto de que a aspiração humana pela validez da razão era bem fundada. Pensavam em termos de antítese. Se algo fosse verdadeiro, o oposto não o poderia ser. No campo da moral, se um determinado preceito fosse certo, seria errado o preceito contrário. Isto é algo que se projeta recessivamente até onde pode alcançar o pensamento humano. Não há base histórica que fundamente a posição tomada em nossos tempos por Heidegger de que os gregos pré-socráticos, anteriores a Aristóteles, pensavam de modo diferente. A propósito, essa é a única maneira pela qual o homem pode pensar. O ponto a ter-se em conta é que o único jeito mercê do qual se pode rejeitar o raciocínio em termos de antítese e do racional é com base no racional e na antítese. Quando alguém diz que pensar em termos de uma antítese é errado, o que está realmente fazendo é utilizar-se do conceito de antítese para negar a antítese. Deus nos fez assim e não há outra forma de pensar. Portanto, a base da lógica dita clássica é que A não é não-A. a compreensão do que está envolvido nesta metodologia da antítese e, de igual modo, o que está envolvido na sua rejeição, é muito importante para o entendimento do pensamento contemporâneo.

O terceiro elemento com que sempre sonharam os pensadores no campo da filosofia era o serem capazes de construir um todo unificado de conhecimento. Nos dias de Kant, por exemplo, os homens insistiam com tenacidade na esperança de alcançá-lo, a despeito da pressão contrária. Esperavam que através do racionalismo conjugado à racionalidade, achariam uma resposta

completa – resposta que abrangeria a totalidade do pensamento e a totalidade da vida.com exceções ligeiras, esta aspiração marcou toda a filosofia até e durante os dias de Kant.

A Moderna Ciência Moderna

Antes de passarmos a focalizar Hegel, que representa o próximo estágio significante rumo ao homem moderno, desejo chamar a atenção, de modo sucinto, para mudança que se operou no mundo da ciência em concomitância coma transformação no campo da filosofia que vimos considerando. Isto requer uma ligeira recapitulação. Os cientistas dos primórdios criam uma uniformidade das causas naturais. O que não aceitavam era a uniformidade das causas naturais *em um sistema fechado*. Aquela pequena frase faz, entretanto , uma diferença enorme. Faz a diferença entre ciência natural e uma ciência que tem suas raízes na filosofia naturalista. Faz toda a diferença entre o que eu chamaria de ciência moderna e o que eu designaria de moderna ciência moderna. É importante ponderar que isto não é uma falha da ciência como ciência; antes, que a uniformidade das causas naturais em um sistema fechado se tornou a filosofia dominante entre os cientistas.

Sob influência da pressuposição da uniformidade das causas naturais em um sistema fechado, a máquina não apenas abrange a esfera da física; a tudo absorve agora. Pensadores mais antigos rejeitariam inteiramente esta maneira de ver. Leonardo da Vinci compreendeu o rumo que as coisas estavam tomando. Vimos já que ele percebeu que se começarmos, racionalisticamente com a matemática, tudo que se alcançará são particulares e, daí veremos tudo reduzido à expressão da mecânica. Havendo compreendido isto, ele se apegou à busca do universal. Contudo, na fase a que chegamos agora em nosso estudo, o andar inferior autônomo devorou inteiramente o superior. Os modernos cientistas modernos insistem na unidade total dos dois andares, o inferior e o superior, desaparecendo, destarte, o superior. Nem Deus nem liberdade não mais aí subsistem – tudo está na máquina. Na ciência a significativa mudança ocorreu, portanto, como uma decorrência da alteração na ênfase da uniformidade das causas naturais à uniformidade das causas naturais num sistema fechado.

Uma coisa para notar-se cuidadosamente acerca dos homens que tomaram esta direção - , com isto, atingimos o dia presente – é que estes homens ainda insistem na unidade do conhecimento. Eles seguem ainda o ideal clássico da unidade. Qual, porém o resultado de seu anseio por um campo unificado? Vemos que incluem em seu naturalismo não mais apenas a física; também a psicologia e a ciência social estão agora incorporadas à maquina. Afirmam que deve haver unidade, não divisão. Entretanto, o único modo de atingir-se unidade nesta base é excluindo simplesmente a liberdade. Desta sorte, ficamos com um mar determinista sem praia. O resultado de buscar-se uma unidade com base na uniformidade das causas naturais num sistema fechado é que o próprio amor já não subsiste; sentido, na velha acepção do homem a desejar significado, não mais perdura. Em outras palavras, o que realmente aconteceu é que a linha foi removida e posta acima de tudo – e no andar superior nada mais se encontra.

~~DEUS~~ ~~AMOR~~ ~~MORAL~~
~~LIBERDADE~~ ~~SENTIDO~~ ~~HOMEM~~
- -
NATUREZA – FÍSICA – CIÊNCIAS SOCIAIS E PSICOLOGIA - DETERMINISMO

A natureza, tornada autônoma, devorou tanto a graça como a liberdade. Um andar inferior autônomo devorará sempre o superior. A lição é esta: quando quer que façamos tal dualismo e comecemos a estabelecer uma secção autônoma em baixo, o resultado é que o inferior devora o superior. Isto se tem dado, vez após vez, nestes últimos séculos. Se tentamos manter artificialmente as duas áreas separadas e suster como autônoma uma das áreas somente, logo a autônoma abarcará a outra.

A Moderna Moralidade Moderna

Isto, é claro, tem repercussão na esfera da moral. Os escritores pornográficos do século vinte traçam todos sua origem ao Marquês de Sade (1740-1814). Hodiernamente, no presente século, é Sade festejado como figura assaz importante – não mais simples autor de livros escabrosos. Há uns vinte ou trinta anos, se alguém na Inglaterra fosse apanhado com uma das suas obras corria o rico de ver-se em dificuldades coma lei. Hoje, passou a ser vulto eminente nos domínios do drama, da filosofia, da literatura. Na atualidade todos os escritores "escuros" (niilistas), os autores de protesto e revolta, voltam-se para Sade. Por que? Não apenas porque era um autor escabroso, ou mesmo porque lhes ensinara como utilizar-se da literatura erótica ou sensual como veículo às idéias filosóficas, mas ainda porque basicamente era um determinista químico. Percebeu a direção que as coisas haveriam de tomar quando o homem é reduzido ao mecanismo. As conclusões que tirou foram estas: se o homem é determinado, então o que *é* é certo. Se a vida em seu todo é apenas um mecanismo – se isso é tudo o que já – então a moral na realidade não importa. Não é nada mais que uma palavra para designar a expressão sociológica. É apenas um meio de manipulação acionado pela sociedade no bojo da máquina. O termo, a esta altura, é mera conotação semântica destituída de qualquer acepção moral. O que é, é certo.

Isto nos leva ao segundo passo – o homem é mais forte que a mulher. A natureza assim o fez. Portanto o macho tem o direito de fazer a fêmea o que lhe apraz. A ação por que Sade foi posto em prisão, tanto sob a monarquia como sob a República – tomar uma prostituta e versgastá-la para seu próprio prazer – era de natureza reta e própria. É disso que derivou nosso termo sadismo. Contudo, cumpre não esquecer que o mesmo se relaciona com um conceito filosófico. O sadismo não é o simples prazer em tortura alguém, fazê-lo sofrer. Implica em que o que é, é certo e o que a natureza decreta em plena força é totalmente próprio e justo. Individualidades como Sir Francis Crick hoje e mesmo Freud, em sua tese de determinismo psicológico, estão somente dizendo o que o Marquês de Sade já nos afirmara – somos parte da máquina. Mas, se assim é, não há como fugir à formulação do Marquês de Sade – o que é, é certo. Estamos vendo como a cultura de nossa época leva a efeito o fato de que, se dissermos aos indivíduos por tempo suficiente que nada mais são do que máquinas; logo, bem logo, isto se lhes evidenciará no agir. É o que se vê em todos os níveis de nossa cultura toda – no teatro da crueldade, na violência das ruas, nos assassinatos nas áreas montanhosas, na morte do homem na arte e na vida. Coisas como estas,e muitas outras mais, resultam mui naturalmente do embasamento histórico e filosófico de que nós estamos ocupando.

Que está errado? De novo, há que retroceder à insatisfatória concepção da Queda de Tomás de Aquino que atribui a certas coisas uma estrutura autônoma. Quando se concebe a natureza como autônoma, logo acabará ela por devorar a Deus,a graça, a liberdade e, eventualmente o homem. Por um pouco se pode apegar à liberdade nesse espectro, fazendo-se desesperado uso do termo

liberdade como o fizeram Rousseau e seus seguidores, mas essa liberdade se tornou na realidade não-liberdade.

Hegel

Atingimos agora o próximo estágio significativo após Immanuel Kant. Dissemos que havia três a que se ativeram a filosofia e o pensamento clássico – racionalismo, racionalidade e a esperança de um campo unificado do conhecimento. Antes de Hegel (1770-1831), toda a pesquisa filosófica se havia processado mais ou menos assim: alguém fizera esforços por elaborar um círculo que contivesse o todo do pensamento e da vida. O próximo pensador disse que essa não era a resposta mas ele próprio formularia a verdadeira expressão colimada. Então, após este, outro surgiu proclamando: "Falharam os predecessores; mas eu darei a solução". O imediato a aparecer disse: "Não é assim de jeito nenhum; a verdade é esta", e o seguinte exclamou: "Não!" Não é de estranhar que o estudo da história da filosofia não produza alegria esfuziante!

Contudo, no tempo de Kant estavam exauridas as genuínas possibilidades racionais vistas sob o prisma racionalista. Partindo de pressupostos racionalistas, nessa época os andares superior e inferior tinham chegado a um estado de tão grande tensão que se encontravam na iminência de separaram-se de todo. Kant e Hegel são o portal ao homem moderno.

Que disse Hegel? Argumentou que por milhares de anos tentativas se fizeram para achar uma resposta com base na antítese e a nenhum resultado positivo se havia chegado. O pensamento filosófico humanista tentara apegar-se ao racionalismo, à racionalidade e a um campo unificado, mas falhara, não lograra êxito. Logo, concluiu ele, temos de procurar outra maneira de enfrentar o problema. O efeito a longo prazo desta nova forma de abordagem proposta por Hegel tem sido que os cristãos da atualidade não entendem seus filhos. Pode parecer estranho o fato, mas é real. O que Hegel mudou foi algo muito mais profundo do que simplesmente uma resposta filosófica em lugar de outra. Alterou as regras do jogo em duas áreas: na *epistemologia*, isto é, a teoria do conhecimento e os limites e validez do conhecimento, e na *metodologia*, quer dizer, o método mediante o qual tratar-se a questão da verdade e seu conhecimento.

O que Hegel propôs foi o seguinte: Não mais pensemos em termos de antítese. Pensemos antes em função de tese e antítese, a resposta constituindo sempre uma síntese. Procedendo assim, ele mudou inteiramente a contextura do mundo. A razão porque os cristãos não entendem a seus filhos é que estes não mais pensam nos moldes em que pensam seus pais. Não é simplesmente que eles logram respostas diferentes. A metodologia se alterou.

Não é que o homem racionalista *quisesse* fazer essa mudança. Resultou ela do desespero, pois que, por centenas de anos, falhara o pensamento racionalista. Uma escolha foi feita e a opção consistiu em continuar sob a égide do racionalismo a expensas da racionalidade.

É verdade que Hegel geralmente é classificado como um idealista. Nutria ele a esperança de uma síntese que tivesse de certo modo alguma relação com a razoabilidade. Contudo, ele abriu a porta aquilo que é característico do homem moderno. A verdade como tal se passou e a síntese (o tanto-como), com seu relativismo, impera.

A posição básica do homem em rebelião contra Deus é que o homem está no centro do universo, que o homem é autônomo e nisto reside sua rebeldia. Ele manterá seu racionalismo e sua rebelião, sua insistência na autonomia total ou em áreas parcialmente autônomas, mesmo que isto signifique que tenha de abrir mão da racionalidade.

Kierkegaard e a Linha do Desespero

O vulto que vem após Hegel, Kierkegaard (1813-1855) é o real homem moderno porque aceitou o que Leonardo e os demais haviam rejeitado. Ele abandonou a esperança de um campo unificado do conhecimento.

A formulação havia sido, primeiramente:

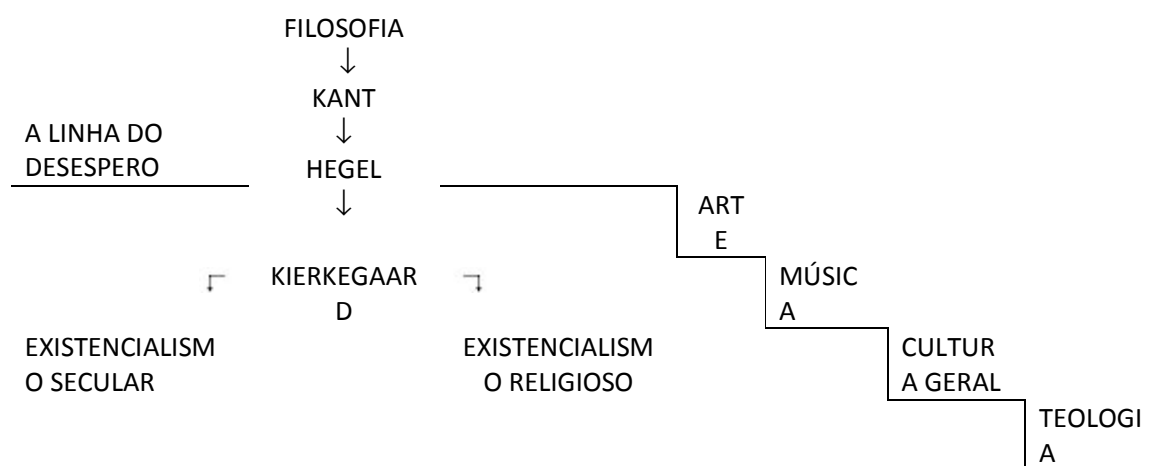
GRAÇA
NATUREZA

depois:

LIBERDADE
NATUREZA

agora se tornou:

FÉ
RACIONALIDADE

No diagrama que se segue, a linha é o curso do tempo. Os níveis superiores são os mais antigos, os inferiores os mais recentes. Os degraus representam diferentes disciplinas.

Este novo modo de pensar se disseminou de três diferentes maneiras. Em primeiro lugar, difundiu-se geograficamente, da Alemanha para o exterior. Consequentemente, a Holanda e a Suíça o experimentaram antes da Inglaterra e os Estados Unidos continuaram a pensar nos moldes prévios por muito mais tempo.

Em segundo lugar, espalhou-se através de classes. A intelectual foi a primeira a ser afetada. A seguir, mediante os meios de comunicação às massas, passou à classe operária. Ficou apenas uma classe média que não foi tocada e que frequentemente, ainda não o é. É um grupo que, em muitas maneiras, representa um produto da Reforma; é algo por que render-se graças como fator de estabilidade. Entretanto, é comum os elementos deste grupo não compreenderem a base de sua própria estabilidade. Não têm noção de por que pensam nos moldes antigos – continuam a agir por hábito e memória após haverem esquecido por que era válida a formulação de outrora. Não raro ainda pensam de maneira correta – para eles a verdade é a verdade, o direito é direito – mas já não sabem mais por que. Destarte, como poderiam entender os filhos, criaturas do século vinte, que pensam conforme o novo prisma, que não acham que a verdade é a verdade nem que o direito é direito?

A grande massa recebeu o novo modo de pensar através dos meios de comunicação sem analisá-lo. E tanto pior para eles, porque foram atingidos diretamente, porquanto o cinema, a televisão, os livros que leram a imprensa, as revistas, foram todos infiltrados pelas novas formas de pensamento sem que houvesse análise ou crítica. Interposta como que num bolsão entre os intelectuais e a classe operária encontra-se a classe média superior. Sem dúvida, uma das dificuldades é que a maioria de nossas igrejas se enquadra nesta faixa de classe média superior e, daí, a razão porque os cristãos não estão entendendo os próprios filhos é que estes estão sendo educados em função do outros modo de pensar. Não é simplesmente que pensam coisas diferentes. Pensam de maneira diferente. É que sua maneira de pensar sofreu mudança de tal ordem que, se lhes dizemos que o Cristianismo é verdadeiro, a sentença não significa para eles o mesmo que para nós.

Em terceiro lugar, disseminou-se este modo de pensar mediante sucessivas disciplinas como se representou

No diagrama precedente: a filosofia, em seguida a arte, depois a música, então a cultura geral, que se poderia dividir em determinado número de áreas. A teologia vem por último. Na arte, por exemplo, temos os grandes impressionistas, Van Gogh (1853-1890); Gauguin (1848-1903) e Cézanne (1839-1906). Seguem-se os pós-impressionistas. E assim nos achamos em pleno mundo moderno. Na música, Debussy (1862-1918) é o vestíbulo. Na cultura geral pode-se pensar em figura tal como T.S. Eliot em seus primeiros tempos. O vulto que abriu os portais da teologia foi Karl Barth[3].

[3] No livro THE GOD WHO IS THERE (O Deus que está Presente) (Hodder and Stoughton, Londres, 1968), mostrei com pormenores o desenvolvimento processado abaixo da Linha de Desespero nestas áreas (filosofia, arte, música, cultura geral e teologia), desde o tempo quando baixaram a esta posição até o presente.

4.
O Salto

O salto – Existencialismo secular – Existencialismo religioso – A Nova Teologia – Experiências do andar superior – Análise lingüística e o salto

Este passo nos trouxe a Kierkegaard e o salto. Com Kant vimos que a linha entre a natureza havia alargado consideravelmente. O que o salto de Kierkegaard fez foi remover a esperança de toda a e qualquer unidade. Após Kierkegaard o que temos é isso:

O OTIMISMO DEVE SER NÃO-RACIONAL

TODA RACIONALIDADE = PESSIMISMO

Desapareceu a esperança de um elo de ligação entre as duas esferas. Não há permeabilidade ou intercâmbio – há uma completa dicotomia ente os andares superior e inferior. A linha de separação desses andares se tornou uma horizontal de concreto, de milhares de metros de espessura com arame farpado fortemente eletrificado engastado no concreto.

A situação agora se pode resumir no seguinte. Abaixo da linha há racionalidade lógica. O andar superior abriga o não-lógico e o não-racional. Não há relacionamento entre os dois níveis. Em outras palavras, no andar inferior, com base em toda razão, o homem como homem está morto. Temos simplesmente a matemática, a mecânica. O homem não tem significado, não tem propósito, não tem sentido. Há apenas pessimismo quanto ao homem como homem. Mas, em cima, com base num salto não-racional, não-razoável, há uma fé não-racional que dá otimismo. Esta é a total dicotomia do homem moderno.

O problema relacionado com quantos dentre nós provêm de um meio cristão ou da faixa superior da classe média é que não podemos facilmente sentir a espessura desta linha da maneira como a perceberia de pronto o homem do século vinte que vive à margem esquerda, em Paria – ou na Universidade de Londres. Nós, expressão do ambiente de que procedemos, pensamos que deve haver certo intercâmbio, mas a resposta de nossa era é: "Não, nunca houve e jamais haverá". Quando se julgava que se processava um intercâmbio, era pura ilusão. Com base em toda a razão, o homem é destituído de significado. No que concerne à racionalidade e à lógica o homem sempre foi morto. Foi uma esperança vã a do homem pensar que não fosse morto.

Isto é o que significa dizer que o homem está morto. Não quer dizer que vivia e morreu. Ao contrário, esteve sempre morto mas lhe faltava suficiente conhecimento próprio para reconhecer-se morto.

Existencialismo Secular

De Kierkegaard procedem duas extensões – o existencialismo secular e o existencialismo religioso.

O existencialismo secular se divide em três correntes principais representadas por: Jean-Paul Sartre (nascido em 1905) e Camus (1913-1960) na França, Jaspers (nascido em 1883) na Suíça, Heidegger (nascido em 1889) na Alemanha. Em primeiro lugar, Jean-Paul Sartre. Racionalmente, o

universo é absurdo e o homem deve buscar autenticar-se a si mesmo. Como? Mediante um ato da vontade. Assim, se você estiver andando de carro pela rua e avistar alguém na calçada sob forte chuva, você para o carro, apanha a pessoa e lhe dá uma carona. É absurdo. Que importa? A pessoa nada é, mas você se autenticou mediante um ato da vontade. A dificuldade, entretanto, é que a autenticação não tem conteúdo racional ou lógico – todas as direções de um ato da vontade são iguais. Portanto, de maneira semelhante, se você está dirigindo numa rua e avista o homem na chuva, e acelera o carro e o atropela, você autenticou sua vontade, na mesma medida. Entendeu? Assim, pranteie pelo homem moderno posto em situação tão desesperançosa.

Em segundo lugar, Jaspers. Ele é fundamentalmente um psicólogo e fala da uma "experiência final", isto é, uma experiência de tal monta que lhe proporciona a certeza de que você existe e uma esperança de significado – embora, racionalmente, não lhe seja possível auferir tal esperança. O problema que afeta esta "experiência fina", é que, por ser totalmente separada do que é racional, não há meio de comunicar o seu conteúdo nem a outrem, *nem a você mesmo*. Um aluno da Universidade Livre de Amsterdã vinha procurando se agarrar a tal experiência. Foi assistir a *Pastos Verdejantes* certa noite e sentiu tal experiência, que lhe pareceu haver certo sentido na vida. Encontrei-o cerca de dois anos após esse evento. Ele estava a ponto de suicidar-se. Pense nisso – buscar descobrir certo significado para a vida somente com base em tal experiência, uma experiência que não lhe permite comunicar nem mesmo a si próprio, nada além de simplesmente repetir que ela se deu. Na manhã seguinte ao acontecimento, talvez se afigure impressiva, forte, mas – depois de duas semanas, - ou dois meses, - ou dois anos? Quão desesperadora é a esperança fundamentada apenas nesta experiência final.

Além disso, essa experiência final não comporta preparação prévia. Jaspers tem, portanto, de dizer a seus mais devotados estudantes que não podem ter certeza de alcançar uma experiência final mediante o suicídio – pois tais pessoas levam o caso tão a sério que são capazes de ir-se e fazer exatamente isso. Não há meios de preparar-nos para a experiência final. Ela enquadra-se na categoria superior – acontece quando menos se espera.

Em terceiro lugar, temos o que Heidegger denomina *Angst. Angst* não é medo simplesmente, pois o medo tem um objeto. *Angst* é um vago senso de temor – a sensação desagradável que se tem quando se entra em uma casa que se tem por assombrada. Heidegger firmou tudo nesta espécie de ansiedade básica. Portanto, os termos por que se expressa andar superior não fazem diferença alguma. A base deste sistema reside no salto. A esperança está separada do andar inferior racional.

Hoje quse se pode dizer que não há filosofias no sentido clássico da filosofia – há anti-filosofias. Não mais pressupõem os pensadores que alcançarão respostas racionais às grandes questões. Os filósofos lingüísticos anglo-saxões se alienaram inteiramente das grandes questões limitando a filosofia a área bem mais reduzida. Estão interessados na definição de termos e confinam suas operações ao andar inferior. Os existencialistas se apegaram mais a um conceito clássico de filosofia em que lidam com as grandes questões, mas o fazem aceitando inteiramente a dicotomia entre a racionalidade e esperança.

O que faz do indivíduo um homem tipicamente moderno é a existência desta dicotomia, não as múltiplas coisas que, como um salto, ele coloca no andar superior. Não importa que expressão ele coloca ali, secular ou religiosa, é tudo a mesma coisa, se se fundamenta nesta dicotomia. É isto que separa e distingue o homem moderno, por um lado, do homem da Renascença, que

alimentava a esperança de uma unidade humanista e, de outro lado, do homem da Reforma que possuía na realidade uma unidade racional acima e abaixo da linha com base no conteúdo da revelação bíblica.

Existencialismo Religioso

O mesmo quadro geral que emerge do existencialismo secular está presente no sistema de Karl Barth e nas novas teologias que têm projetado e estendido o seu sistema. Não há intercâmbio racional acima e abaixo da linha. Barth admitiu as teorias da Alta Crítica, de sorte que, a seu ver, a Bíblia contém erros, mas a nós nos cumpre crer nela assim mesmo. A "verdade religiosa" é separada e distinta da verdade histórica das Escrituras. Destarte, não há lugar para a razão e nem ponto de verificação. Isto constitui o salto em termos religiosos. Tomás de Aquino abriu a porta para o homem independente no andar inferior, para uma teologia natural e uma filosofia que eram autônomas em relação às Escrituras. Isto levou, no pensamento secular, à necessidade de depositar finalmente a esperança toda em um andar superior não-racional. De modo semelhante, na teologia neo-ortodoxa resta ao homem a necessidade de dar o salto porque, como o homem integral, nada pode fazer na área do racional na busca de Deus. Na teologia neo-ortodoxa, o homem é menos do que a criatura decaída do conceito bíblico. A Reforma e as Escrituras categorizam que o homem nada pode fazer para salvar-se; pode, porém, mercê da razão que possui, examinar as Escrituras, que tangem não apenas a "verdade religiosa" mas ainda a história e o cosmos. Ele tem, assim, recursos não apenas para esquadrinhar a Bíblia, como homem integral, incluída a razão, mas tem ainda a responsabilidade de assim fazê-lo.

A espécie de termos que se projetam ao andar superior não muda o sistema básico. No que respeita ao sistema, o uso de termos religiosos ou seculares não lhe faz diferença. O que é particularmente importante observar-se neste sistema é o aparecimento constante em uma ou outra forma da ênfase kierkegaardiana à necessidade do salto. Uma vez que o racional e o lógico são completamente separados do não-racional e do não-lógico, o salto é total. A fé, expressa em termos seculares ou religiosos se torna um salto destituído de qualquer verificação porque é totalmente separada do lógico e do racional. Podemos agora ver, com esta base como os novos teólogos podem afirmar que, embora a Bíblia na esfera da natureza e da história esteja repleta de erros, isso não afeta seu valor.

Não importa que termos adotamos. O salto é comum a toda esfera de pensamento do homem moderno. O homem é forçado ao desespero desse salto porque não pode viver como uma simples máquina. Este é, pois, o homem moderno. É-o conforme se expressa na pintura que produz, na música, na literatura novelesca, nas peças de teatro e na própria religião.

A Nova Teologia

Na Nova Teologia os termos definidos estão abaixo:

NÃO-RACIONAL – TERMOS CONOTATIVOS

RACIONAL – TERMOS DEFINIDOS

Acima da linha o teólogo novo tem termos indefinidos (...) _faltam as páginas 51 e 52_

_Pg 53_ (...)meira ordem". É isso o que está por detrás da moderna mania de entorpecentes. Relaciona-se com um milênio de panteísmo, por que os místicos orientais têm usado haxixe durante séculos com o propósito de chegar a experiências religiosas. Logo, esta prática longe está de ser nova, embora o seja para nós. Na obra *The Humanist Frame (A Moldura Humanista)*, de que escreveu o último capítulo, insistiu Aldous Huxley, pouco antes de morrer, no uso de entorpecentes por parte das "pessoas sadias" com vistas a essa "experiência de primeira ordem". Essa foi a sua esperança.

O Humanismo Evolucionário Otimista é outra ilustração do fato de que, uma vez aceite alguém a dicotomia dos Andrés superior e inferior, nenhuma diferença faz o que coloca no superior. Esta idéia foi propagada por Julian Huxley. O Humanismo Evolucionário Otimista não tem fundamento racional. Sua esperança se firma no salto do *amanhã.* Na busca de prova sempre se indica o dia seguinte. Este otimismo é um salto e néscios seremos se, em nossas universidades, cedermos ao pensamento de que os humanistas têm uma base racional para a porção "otimista" de seu slogan. Não a têm – são irracionais. O próprio Julian Huxley aceitou isto, na prática, uma vez que formulou a proposição básica de que os seres humanos agem mais a contento quando nutrem a convicção de que existe um deus. Segundo Huxley na há deidade alguma, contudo diremos que há um deus. Em outras palavras, assim como Aldous Huxley contemplava o uso de entorpecentes, Julian Huxley contemplava o salto religioso, embora isso não lhe seja mais do que pura mentira – não existe deus. É por isso que não parece paradoxal que Julian Huxley escrevesse a introdução ao livro *Phenomenon of Man (O fenômeno do Homem),* de Teilhard de Chardin. Estão ambos empenhados no salto. O mero emprego de termos religiosos em contraste com a terminologia não-religiosa nada muda após serem admitidos a dicotomia e o salto. Certas posições se nos afiguram mais distanciadas de nós e mais chocantes. Outras nos parecem menos distantes – mas não há diferença essencial.

Em um programa radiofônico da BBC de Londres, Anthony Flew fez a si mesmo a pergunta: "Valerá a pena a moral?". Serviu-se ele do programa para demonstrar que, com base em seus próprios pressupostos, a moralidade não vale a pena. E, a despeito disso, ele não suportava essa idéia no final da irradiação, invocou ele sem base na lógica, o conceito de que, embora a moralidade não compense, o homem não é estulto em agir com escrúpulos. Isto é um salto titânico, destituído de qualquer fundamento que evidencie porque não se é estulto em proceder-se com escrúpulos, à parte de qualquer categoria quanto ao sentido básico do termo "escrúpulo".

O elemento significativo é que o homem racionalista, humanista, começou afirmando que o Cristianismo não é suficientemente racional. Agora fez ele meia volta, em amplo círculo, e acabou na condição de místico – ainda que místico de um tipo todo especial. É ele um místico sem ter ninguém com que buscar comunhão. Os velhos místicos sempre postularam a existência de Alguém; os novos místicos, entretanto, afirmam que isso não vem ao caso, porquanto o que importa é a fé. É fé na fé, quer se expresse em termos religiosos, quer em seculares. O salto é o que importa, não os termos porque se expressa. A verbalização, isto é, os sistemas de símbolos pode mudar-se, sejam os sistemas religiosos ou não-religiosos; é incidental o fato de fazer-se uso de uma ou outra palavra. O homem moderno volta-se a encontrar sua respostas no andar superior, mediante um salto para longe da racionalidade e da razão.

Análise Lingüística e o Salto

Há pouco tempo presidia eu a uma discussão em certa universidade da Inglaterra, em que filósofos lingüísticos se destacam por seu cerrado ataque aos cristãos. Presentes se achavam alguns deles. Dentro de pouco tempo era óbvio o que estavam procurando fazer. Estavam fomentando seu prestígio na área abaixo da linha mercê de razoável definição de termos. Repentinamente, porém, saltaram para um Humanismo Evolucionário Otimista acima da linha e se lançaram ao ataque ao Cristianismo com base no prestígio que haviam estabelecido em sua própria esfera. Alguns dentre eles merecidamente conquistaram sólida reputação de racionalidade na definição de termos, mas então fizeram um salto, mudando sua máscara ao atacar o Cristianismo com base num Humanismo que nenhuma relação tem com o andar inferior, a área da análise lingüística. Como já o dissemos, a análise lingüística é uma anti-filosofia no sentido de que estes pensadores se limitaram no conceito que nutrem da filosofia. Não mais formulam as grandes questões a que a filosofia clássica sempre se prestou. Portanto, qualquer coisa que digam na área dessas questões, nenhuma relação tem com a disciplina a que se votam e o prestígio que ela acarreta.

O interessante na atualidade é que, uma vez que o existencialismo e, de modo diferente, a "filosofia de definições" se converteram em anti-filosofias, as verdadeiras expressões filosóficas tenderam a passar para o domínio daqueles que não ocupam as cátedras de filosofia – os novelistas, os cineastas, os músicos de jazz, os hippies e mesmo as quadrilhas juvenis em sua violência. São estas as pessoas que hoje em dia fazem as grandes perguntas e lutam por respostas adequadas em nosso tempo.

(1) No estado marxista, fez-se o estado o árbitro absoluto, estabelecendo absolutos pormenorizados e arbitrantes como leis, com vistas a conferir unidade no turbilhão de seu materialismo hegeliano. Os artistas foram a princípio os sustentáculos da Revolução, mas ao mesmo tempo (mercê de suas modernas formas de arte, baseadas em formas de pensamento modernas), constituíram ameaça que teria de ser debelada, porque desafiavam a sificiência do estado e suas leis em relação a: 1. O significado do indivíduo; 2. A tentativa de restringir o desenvolvimento natural partindo do pensamento hegeliano e polarizando-se para com uma progressiva carência de sentido, como se tem processado no Ocidente. Teóricos, tal Adam Schaff de Varsóvia, estão agora procurando um meio de descobrir um sentido para o indivíduo sem engolfar-se no crescente caos do Ocidente. O relativismo hegeliano é agora o consenso em ambos os lados da Cortina de Ferro; destarte, no sentido mais básico, a situação em ambos os lados da Cortina de Ferro é uniforme, em ambos os lados o homem está morto. Pode o ocidente ressaltar a perda de significado do indivíduo em conseqüência da supressão política e da lavagem cerebral reinantes nos Estados Comunistas. Mas o indivíduo igualmente perde o significado no Ocidente: poder-se-á perguntar se, a fim de conter-se o caos crescente, isto não levará rapidamente à supressão prática do indivíduo no Ocidente de igual modo. Neste aspecto é de se lembrar a sugestão de John Keneth Galbraith quanto a um estabelecimento científico e acadêmico – Elite Estatal, ou o provocativo conceito de Allen Ginsberg acerca de um sistema de castas à moda da Índia.

(2) Allen and Unwin, Londres , 1961

(3) Collins, Londres; Harper and Row, Nova Iorque, 1959
(4) The Listener (O ouvinte), 13 de outubro de 1966.

5.
A Arte como salto no Andar Superior

A Arte como salto no Andar Superior – A poesia: Heidegger no período final – A arte: André Malraux – Picasso – Bernstein – A pornografia – O teatro do Absurdo

Vimos que desde Rousseau se estabeleceu a dicotomia entre natureza e liberdade. A natureza passara a representar o determinismo, a máquina, como o homem na desesperançosa situação de ser absorvido pela máquina. Então, no andar superior, vemos o homem lutando pela liberdade. A liberdade que era buscada era uma liberdade absoluta, sem limitações. Não existe Deus, nem mesmo um universal, a limitá-lo de sorte que o indivíduo procura expressar-se com total liberdade e, todavia, ao mesmo tempo, sente a condenação de ser absorvido na máquina. Esta é a tensão do homem moderno.

O campo da arte oferece vasta variedade de ilustrações desta tensão, tensão que, por sua vez, proporciona uma explicação parcial do fato curioso de que muita da arte contemporânea, como expressão própria do que é o homem em si, é feia. Ele não o sabe, mas está expressando a natureza do homem decaído que, como ser criado à imagem de Deus é maravilhoso; todavia, em sua presente condição é decaído. No esforço que o homem faz por expressar a liberdade a seu próprio modo autônomo, muito embora não o todo, de sua arte torna-se destituído de qualquer sentido e feio. Em contraste, muitos projetos industriais estão tornando-se mais regulares, em padrões mais estilizados, com real estética e formosura. E sou do parecer que a explicação do crescente aprimoramento de larga faixa de projeto industrial é que ele tem que seguir a curva do que existe – segue a forma do universo. Isto ilustra ademais como a ciência em si não é autonomamente livre mas deve ater-se ao que existe. Mesmo que o cientista ou filósofo sustente que tudo é fortuito e sem sentido, no momento em que enfrenta o universo, em direto confronto, não importa qual o sistema filosófico de que seja adepto, ele está limitado, pois que tem de lidar com o que acha aí. Se assim não procede a ciência deixa de ser real ciência para tornar-se ficção científica. O projeto industrial, como a ciência, está, de igual modo afeito à forma do universo e, portanto é freqüentemente mais belo que a “Arte” (com A maiúsculo), que expressa a rebelião, a fealdade e o desespero do ser humano. Estamos agora em condições de ponderar algumas das várias expressões de arte que representam o salto do andar superior.

A Poesia: Heidegger no Período Final

Heidegger não mais podia aceitar o existencialismo que esposara e mudou de posição – após haver ultrapassado os setenta anos. Na obra *What Is Philosophy*? *(Que é filosofia*?*)*, termina com a ressalva “ mas atentem para o poeta. Quando apela a que se dêem ouvidos ao poeta, ele não quer dizer que escutemos o teor ou conteúdo das palavras do poeta. O conteúdo não vem ao caso – poder-se-ia invocar seis poetas que se contradizem entre si. Não importa o conteúdo porque o conteúdo se acha na área da racionalidade, isto é, no andar inferior. O que é relevante é que existe coisa tal como a poesia – e esta se situa no andar superior.

A posição de Heidegger é esta: uma parcela do Ser é o ser, o homem que exerce a função verbalizada. Em conseqüência, uma vez que há palavras no universo, nutrimos a esperança de alguma forma de significado do Ser, isto é, o que é. Observa-se naturalmente que o poeta existe e, em sua existência se torna o profeta. Já que a poesia está em nosso meio, podemos ceder à esperança de que há em relação à vida mais do que simplesmente o que se admite em bases lógicas e racionais. Este é, pois outro exemplo de um andar superior irracional, sem nenhum conteúdo.

A Arte: André Malraux

Maulraux é um homem misterioso. Produto do existencialismo, lutou na Resistência, entregou-se ao uso de entorpecentes, levou uma vida por vezes inçada de lances discutíveis e, finalmente, o vemos guindado à posição de Ministro da Cultura da França. No seu livro *The Voices Of Silence (As vozes do silêncio)*, a última seção é intitulada "A Conseqüência do Absoluto" e nela ele revela que entende muito bem a mudança que se tem operado ante o moderno falecimento da esperança de um absoluto.

Há na atualidade não reduzida parcela de livros empenhados em concordar com ele. No número de 6 de outubro de 1966 da Revista Novaiorquina de livros, diversos livros são discutidos. Neste exemplar encontramos o seguinte comentário: "Todas as obras de Malraux são bissetadas... sem possibilidade de resolução, entre duas posições no mínimo: um anti-humanismo básico (representado conforme as circunstâncias, pelo orgulho intelectual, a busca do poder, o erotismo, e assim por diante) e uma aspiração em última instância irracional para com a caridade, ou uma escolha racionalmente injustificável a favor do homem".

Em outras palavras, há uma "bipolaridade" em Malraux – no andar superior algo se insere na arte que não tem nenhuma base racional. É a aspiração de um ser humano alienado da racionalidade. Com base na racionalidade o homem não tem esperança; todavia, volta-se para a arte como arte para provê-la. Ela outorga um ponto de integração, um salto, uma esperança de liberdade no âmbito daquilo que a mente sabe ser falso. Estamos em situação de perdição e o sabemos; todavia, voltamo-nos par a arte e tentamos encontrar uma esperança que sabemos, por força da razão, que não existe. Prossegue a revista: "Malraux se eleva acima desse desespero apelando eloquentemente a si próprio e a outros que vejam a identidade do homem na intemporalidade da arte." Portanto a obra de Malraux em seu todo – suas novelas, sua história da arte, sua atividade de Ministro da Cultura da França – é uma gigantesca expressão deste abismo e desse salto.

O sistema que nos circunscreve, de dicotomia e salto, é monolítico. Na Inglaterra, Sir Herbert Read se enquadra nessa mesma categoria. Na obra *The Philosophy of Modern Art (A Filosofia da Arte Moderna)* ele mostra que entende a situação quando afirma acerca de Gauguin: "Gauguin substituiu o amor do homem para com o Criador por seu amor pela beleza (como um pintor)". Mas, em sua maneira de ver a realidade ele diz também que a razão deve dar lugar à mística da arte – não apenas teoricamente mas ainda como ponto de partida da educação para o amanhã. Na obra de Sir Herbert Read, a arte é outra vez projetada como resposta conseguida pelo salto.

Picasso

Outro exemplo temo-lo em Picasso. Ele tentara criar o universal por meio da abstração. Suas telas abstratas chegaram a tal ponto que não era mais necessário diferenciar uma loura de uma morena, ou um homem de uma mulher, ou mesmo uma criatura humana de uma cadeira! A

abstração havia sido levada tão longe que Picasso fizera seu próprio universo na tela – na realidade parecia que nessa época ele estava tentando fazer com êxito o papel de deus em seus quadros. No momento, porém, em que pintou o universal não mais o particular, ei-lo a estatelar-se em um dos dilemas do homem moderno – a falta de comunicação. O indivíduo que contemplava o quadro perdeu toda a comunicação com a obra de arte diante da qual se posta – não sabe o que a tela representa. Que adiante ser deus nua superfície de 60cm por 120cm se ninguém sabe de que se está tratando!

Contudo é instrutivo ver o que aconteceu quando Picasso se apaixonou. Começou a escrever através da tela: "Amo a Eva". Agora, de repente, se estabelecia uma comunicação entre as pessoas que olhavam o quadro e Picasso. Era, entretanto, uma comunicação irracional. Era uma comunicação com base no fato de que ele amava a Eva, que podemos compreender, não, porém com base no motivo que o quadro expressava. Aqui, outra vez, temos o salto. Com base na razão, ao procurar o pintor racionalmente fixar seu próprio universal, perdida está a comunicação. Restaura-se ela, contudo em um salto contrário à racionalidade de sua posição. Mas porque ele é ainda um ser humano, tem de dar o salto, especialmente quando se apaixona.

A partir desta data, é possível tomar a obra de Picasso e seguir as curvas da pintura a flutuarem conforme se apaixona ou não. Mais tarde, por exemplo quando se apaixonou por Olga e com ela se casou, pintou-a em moldes sumamente humanos. Não quero com isto dizer que os seus quadros restantes não sejam grandes obras. Picasso era um grande pintor, todavia, um homem perdido. Não obteve êxito no que se propôs alcançar em seu esforço de atingir o universal e sua vida toda depois disto foi uma série de tensões. Quando se indispôs com Olga de novo seus quadros sofreram perceptível mudança. Há poucos anos vi algumas de suas obras produzidas em período quando novamente se apaixonou, agora com Jacqueline. Disse eu na ocasião: "Picasso está vivendo uma nova era – ele ama esta mulher". De fato, casou-se com ela mais tarde – seu segundo matrimônio. Desta forma, nos quadros de Olga e Jacqueline, em moldes contrários à quase totalidade de suas outras obras, ele expressa o salto irracional no sistema de símbolos de sua forma de pintar, o mesmo salto irracional que outros exprimem por palavras.

Observemos de passagem que em Salvador Dali se percebe esta mesma evolução, pintando ele símbolos de arte cristã conotativos, quando deu o salto de seu velho surrealismo para o seu novo misticismo. Em suas obras mais recentes, os símbolos cristãos são pintados com seus efeitos conotativos, não em termos verbalizados, como na Teologia Nova. Isto, entretanto, não faz diferença. Baseia-se em um salto e uma ilusão de comunicação resulta do uso do efeito conotativo dos símbolos cristãos.

Bernstein

Estamos evidenciando que nos defrontamos hoje com um conceito quase monolítico de dicotomia e salto e que, uma vez admitido o salto, não faz realmente diferença o que se coloque no andar superior ou em que termos ou mesmo sistema de símbolos se expresse este andar. Leonardo Bernstein, por exemplo, em sua peça *Kaddish,* sugeriu que a música é a esperança que há no andar superior. A essência do homem modernos está em sua aceitação de uma situação em dois níveis não importa que termos ou símbolos se empreguem para expressar este fato. Na área da razão o homem está morto e sua única esperança é alguma forma de salto não aberto à consideração da razão. Não há ponto de contato entre esses dois níveis.

A Pornografia

A moderna literatura pornográfica se explica nestes mesmos termos também. sempre houve escritos desta natureza mas os hodiernos são diferentes. Não são meras obras imundas da espécie que sempre se encontrou – muitas das obras pornográficas da atualidade são exposições filosóficas. Focalizem-se os escritos de alguém como Henry Miller. Verifica-se que são a afirmação de que, do ponto de vista racional e lógico, até mesmo a sexualidade está morta; contudo, em obras mais recentes lança-se ele a um panteísmo em busca de uma esperança de sentido ou significação.

Outro elemento da moderna literatura pornográfica se evidencia nas obras de Tery Southern. É ele o autor de *Candy (bombom) e The Magic Christian (O Cristão Mágico).* A despeito da indecência e do malefício que está produzindo, Southern está fazendo afirmações sérias. Candy tem por sobrenome *Christian (Cristã).* Isto se reveste de particular significado. Ele está querendo esmagar a posição cristã. Que, entretanto, lhe coloca no lugar? Na introdução de um livro intitulado *Writers In Revolt (Escritores em Revolta),* ele segue esta linha de pensamento. A introdução tem esta epígrafe: "Da Ética da Era Áurea" e visa a mostrar, em bases amplas, como o moderno homem ocidental está se desfazendo. Demonstra ele como o homem moderno está orientado somente por diretrizes e normas psicológicas. Merece particular atenção uma expressiva sentença nesta exposição da orientação psicológica de nossa cultura: "Sua implicação, em termos de qualquer filosofia previamente operativa ou estrutura cultural anterior a este século, é arrasadora, pois seu significado último é que não há coisa tal como o crime: destrói a idéia de crime". É claro que ele não quer dizer que não mais haja crimes. Significa simplesmente que, em função da orientação psicológica, não há "crime". Seja lá o que for, não se vê como crime, nem como transgressão no sentido moral.

Os cristãos evangélicos tendem a esconjurar gente desse jaez e depois se vêem em dificuldades pra compreender o homem moderno, pois que tais vultos são, após tudo, os filósofos da época. Em larga medida nossas cátedras de filosofia estão vagas ou praticamente inoperantes. A filosofia na atualidade está sendo escrita por autores como Southern deste mundo moderno. Quando se chega ao fim desta introdução a que me refiro e de que fiz a citação supra, sente-se que até falta o ar, tal o tremendo impacto desta notável porção literária. Tem-se o ímpeto de bradar: "Afinal, o que é que existe?" O fantástico é que no final dessa introdução se diz que tais autores estão escrevendo material pornográfico na atualidade DNA esperança de que por fim se destile uma ética adequada à era áurea. Desta forma, a literatura pornográfica está agora alocada no andar superior. Concebe-se a pornografia como a liberação última – o salto para a liberdade. Arremetem-se veementes contra a falta de vida do andar inferior e proclamam que não se lhes sujeitem à tirania. E ainda que haja, como é natural, muita coisa reles e sórdida, há porém, em todos esses escritos sérios de cunho pornográfico, a luta que se trava em torno do problema, a esperança de que a pornografia proverá uma nova era áurea. Isto é Rousseau e a liberdade autônoma chegando, afinal, a uma conclusão natural. Lembremo-nos de que na Renascença campeava o separatismo dualista nestes termos:

OS POETAS LÍRICOS – O AMOR ESPIRITUAL

OS NOVELISTAS E OS POETAS CÔMICOS (PORNOGRÁFICOS)

Agora, porém, o humanismo racionalista tem evoluído logicamente até uma total dicotomia entre os dois andares, expressa desta forma:

Outra vez, isto é um misticismo sem existir alguém, um misticismo que anula toda a racionalidade. Nada existe e, todavia, levado por suas aspirações – pois é feito à imagem e semelhança de Deus – o homem tenta todos estes estupendos atos de desespero, entretendo mesmo a esperança de que em uma era áurea surgirá enfim de um bairro sórdido como Soho.

Em literatura pornográfica séria que se tem produzido mais recentemente, admitiu-se que por não existir Deus, a mulher se entregue às mãos do homem para ser por ele surrada. Declara tal literatura, explicitamente que, uma vez que não há Deus, ela deseja ser possuída por alguém e, desta forma, em sua alienação, sente-se alegre coma fustigação e a dor conseqüente como prova de possessão por algo ou alguém.

Tais pessoas cederam a total desespero. Estamos lutando pela nossa própria vida. Se amamos aos homens, este não é tempo para falta de compreensão, não é tempo de entregar-nos a jogadas de reduzida importância, não é tempo de cair na mesma forma de dualidade de pensamente sem o percebermos.

O Teatro do Absurdo

Esta nota de desespero se reflete no Teatro do Absurdo. A ênfase ao absurdo traz à lembrança a estrutura toda do pensamento de Sartre. O homem é uma piada trágica num contexto de total absurdo cósmico. Está repleto de aspirações que racionalmente não encontram satisfação e cumprimento no universo em que vive. Todavia, esta perspectiva como expressa no Teatro do Absurdo vai além de Sartre. Diz Sartre que o universo é absurdo, mas faz uso de termos e de sintaxe em seu emprego normativo. O Teatro do Absurdo, entretanto, usa deliberadamente sintaxe anormal e depreciação de termos para, destarte com vigor tanto maior, bradar que tudo é absurdo.

Martin Esslin, bem conhecido por sua obra na BBC de Londres, escreveu um livro sobre esta matéria em que se encontra uma introdução muito interessante sob o título “O absurdo do absurdo”. Afirma ele que há três passos no Teatro do Absurdo. O primeiro é o que se diz ao burgês: Acorde! Você já dormiu por tempo suficiente. Desperte-o – sacuda-lhe a cama e derrame-lhe um balde de água por cima através do teatro do absurdo. Em seguida, tão logo ele esteja acordado, fite-lhe os olhos com renitência e diga-lhe que nada existe. Este é o segundo passo. Mas há um terceiro passo, uma vez mais um misticismo do andar superior. Este misticismo é uma tentativa da comunicação da “comunicação de cima”. Como tal, é paralelo aos Eventos e Ambiências em seqüela a Marcelo Duchamp, o esbater dos sentidos por obra de um constante bombardeio de música eletrônica, cinema ultra. Os elementos psicodélicos dos últimos discos dos Beatles e certos fatores nas teorias de “comunicação fria” de Marshall McLuhan. Este não é o lugar para tratar desta matéria com pormenores, mas é minha conclusão que esta comunicação, “comunicação de cima”, sem nenhuma continuidade para o racional, não pode comunicar conteúdo, contudo, deve ser levada a sério como veículo de manipulação. Entretanto, podemos ver que dos três passos que caracterizam o Teatro do Absurdo, dois se polarizam para o pessimismo enquanto o terceiro é, de novo, um salto místico completamente sem quaisquer raízes nos primeiros dois passos.

(1) Vision Press, Londres, 1958
(2) Secker and Warburg, Londres 1954
(3) Feber, Londres 1952
(4) "O que quer que tenha acontecido às Grandes Simplicidades", SATURDAY REVIEW (Revista do Sábado), 18 de fevereiro de 1967
(5) Sinfonia Kaddish, 1963 (Columbia KL 6005 ou KS 6005)
(6) Berkley Publishing Company, Nova Iorque, 1963
(7) O Teatro do Absurdo (Anchor Books, Nova Iorque, 1961)

6.
Loucura

Não esgotamos ainda esta matéria do salto. Outras áreas há em que ele se patenteia. Um livro recente de Michel Foucault intitulado *Madness and Civilization (Loucura e Civilização)* é importante neste ponto. Em comentário a esse livro na *The New York Review of Books (Revista Novaiorquina de Livros),* de 03 de novembro de 1966 epigrafado *"In praise of folly" (O elogio da estultícia),* o escritor Stephen Marcus da Universidade de Columbia comenta: "Contra o que se arremete Foucault, afinal é contudo a autoridade da razão... Nisto Foucault representa uma importante inclinação ou tendência do pensamento contemporâneo avançado. No desespero que revela para com os poderes transcendentes do intelecto racional, encarna uma verdade permanente de nossa era - a falha do século dezenove em levar a cabo suas promessas". Em outras palavras, os herdeiros do Iluminismo haviam prometido que proveriam uma resposta unificada com base no racional. Foucault, corretamente, sustenta que não cumpriram a promessa. Continua o comentador: "Esta é em parte a razão por que no fim se volta ele para com o artistas e pensadores loucos ou semiloucos da era moderna... Mercê de suas vociferações está o mundo indiciado; veiculando-lhes a loucura, a linguagem de sua arte dramatiza a culpabilidade do mundo e o força a reconhecer-se e a reformular seu próprio senso íntimo e real. Não se pode, em boa consciência, negar o poder e a verdade destas observações; refletem a realidade da situação intelectual do momento presente – um momento que está para pensar de si como pós-tudo, pós-moderno, pós-história, pós-sociologia, pós-psicologia... Encontramo-nos numa situação em que rejeitamos os sistemas de pensamento dos séculos dezenove e vinte, em que os superamos sem havê-los transcendido com nova verdade ou descoberto algo de comparável magnitude para tomar-lhes o lugar".

Em outras palavras, os racionalistas não descobriram qualquer espécie de unidade, ou qualquer esperança de solução racional. Portanto, verificamos que Foucault levava o pensamento de Rousseau à sua conclusão lógica: o pólo final em liberdade autônoma é ser doido. Coisa excelente é ser doido, pois então se é livre.

O NÃO-RACIONAL – A LIBERDADE REAL É A LOUCURA
____
O RACIONAL – O HOMEM ESTÁ MORTO

Poder-se-á objetar que esta é uma idéia única, mera celebração de Foucault e seu comentador, por isso destituída de importância por ser totalmente extrema. Não obstante o uso sério de entorpecentes é uma enfermidade mental que o próprio indivíduo se impõe e, como é de se esperar ela é temporária. Os efeitos dos entorpecentes e da esquizofrenia são estranhamente paralelos e este fato compreendem-no muitos viciados – e há literalmente milhares de indivíduos

hoje afeitos aos narcóticos a revista *Newsweek* de 06 de fevereiro de 1967 noticia que os hippies de São Francisco na Califórnia, estão usando a melodia do hino *We shall Overcome* coma letra de *We Are All Insane*. Foucault não está muito distanciado de Aldous Huxley. Não se deve pensar de Foucault como excessivamente isolado para ser de importância na compreensão de nossos tempos e no entendimento do fim da dualidade e da dicotomia. O fim lógico da dicotomia, em que a esperança é separada da razão, é a abolição total de toda razão.

O Andar Superior no Cinema e na Televisão

Este conceito quase monolítico se pode sentir no cinema e na televisão tanto quanto nas demais áreas a que já nos referimos. Os produtores cinematográficos de renome e talento da atualidade – Bergman, Fellini, Antonioni, Slesinger, os cineastas avançados de Paris ou Duplos-Novos da Itália, têm todos basicamente a mesma proclamação ou mensagem. Pergunta-se freqüentemente qual é a melhor – a televisão Americana ou a BBC. Que é que se prefere – morrer de tanta diversão ou sucumbir ao impacto de golpes habilidosamente desferidos? Essa é a alternativa, ao que parece. A BBC é melhor no sentido de que é mais séria, mas está tremendamente do lado da mentalidade do século vinte. Assisti àquele programa da BBC em que se usou um termo indecente. Tal fato é obviamente sério afastamento dos velhos padrões; todavia eu diria que se nos fosse facultada a opção e tivéssemos de escolher, preferível ser-nos-ia optar por dez mil palavras sujas a termos de agüentar a quase subliminal apresentação do pensamento do século vinte que se tem na televisão inglesa sem palavras inconvenientes. O que é realmente perigoso é que o povo está assimilando esta mensagem típica da mentalidade do século vinte sem ser capaz de entender o que lhe está acontecendo. Essa razão porque esta mentalidade tem penetrado não apenas na esfera dos intelectuais mais ainda na própria massa de nível cultural mais modesto.

Afirmou Bergman que todos os primeiros filmes que fez tinham o propósito de ensinar o existencialismo. Então ele chegou à conclusão, como já o havia feito Heidegger antes dele, de que isso não satisfazia, longe estava de ser adequado. Fez, portanto um filme – *O Silêncio* – que mostrou a radical mudança operada. É este filme a exposição da crença de que o homem está realmente morto. Introduziu ele um novo tipo de cinema – a máquina de filmagem simplesmente focaliza a vida e a retrata como inteiramente inerme, desprovida de todo sentido, em termos não humanos. É uma série de quadros vagos, imprecisos, não correlacionados em função de qualquer afirmação humana.

Esta perspectiva se patenteia também nos escritores “negros” (niilistas) de nossa era. Nisto é que reside a importância de *In Cold Blood (A Sangue Frio)* de Truman Capote. Um dos pontos a que se reportaram quase todos os críticos di livro é que Capote não emite nenhum juízo moral em toda a obra. Apenas relata – tomou da arma do crime e escreveu a estória – nos moldes típicos em que o faria um computador ligado ao olho mágico da objetiva. Não poucos foram aqueles que se voltaram para o Silêncio e A Sangue Frio, bem como para as obras de outros escritores avançados na esperança de que abririam uma área inteiramente nova no cinema e na literatura. Que espécie de cinema e de literatura é esta? Não emite juízos, não exibe elementos humanos, apenas declarações ou asserções que um computador ou máquina de filmagem poderiam fazer. Aqui se nos depara vívida afirmação de que o homem do andar de baixo está morto.

Entretanto, a mais estupefaciente exposição cinematográfica de nossos dias não é que está morto o homem do andar inferior, mas a poderosa expressão do que é o homem do andar superior após o salto. O primeiro dos filmes que retratam esta perspectiva foi *The Lst Year In Merienbad (O Ano*

Passado em Marienbad). Não é conjectura minha. O diretor do filme explicou que é isto que ele queria que a película mostrasse. Essa razão para os longos e intermináveis corredores e a carência de relacionamento das partes. Se abaixo da linha o homem está morto, acima da linha, após o salto não-racional, não o assistem categorias. Não o assistem porque elas se relacionam coma racionalidade e a lógica. Não há, portanto, nem verdade e não-verdade em antítese, nem certo nem errado – fica-se a esmo, levado pela correnteza.

Julieta dos Espíritos é outro dentre vários filmes desta espécie. Disse-me um estudante em Manchester que iria ver pela terceira vez *Julieta dos Espíritos* com o propósito de determinar o que era real e o que era fantasioso no filme. Nessa ocasião eu ainda não havia visto a película. Vi-a depois em Londres. Se eu a tivesse visto anteriormente, ter-lhe-ia dito que não se preocupasse. Poder-se-ia vê-lo revê-lo dez mil vezes e ainda assim não se teria condições de jamais entendê-lo. Foi feito propositadamente em moldes que não permitem ao espectador distinguir entre realidade objetiva e pura fantasia. Não há categorias. Destarte, não se sabe o que é real, ou ilusão, ou psicológico ou insano.

O filme *Blow-Up* de Antonioni é a mais recente apresentação dessa mesma mensagem, a configuração do homem moderno no andar de cima desprovido de categorias. Sublinha o ponto vital neste contexto: o fato de que não há categorias é a razão porque uma vez aceita a dicotomia, aquilo que se coloca no andar superior é irrelevante.

Misticismo do Andar Superior

O misticismo sem objetivo real, como o designamos anteriormente, é pois um misticismo sem categorias, pelo que não importa no andar de cima se fazemos uso de termos religiosos ou não-religiosos, sistemas de símbolos de arte ou pornografia.

O mesmo princípio caracteriza a Nova Teologia – abaixo da linha, não apenas o homem está morto, mas aí Deus também está morto. Os teólogos do "Deus está morto" dizem com muita clareza – "Que vantagem há em falar acerca de Deus situado no andar superior, se nada Lhe sabemos a respeito? Digamos com toda honestidade que Deus esta morto". Com o fundamento que temos esboçado no campo da cultura geral, podemos agora ver por que estes teólogos estão cansados do jogo. Por que nos preocuparmos com todas essas palavras e conceitos polarizados em Deus? Porque não simplesmente declaramos que tudo está acabado e aceitarmos a conclusão racional do andar inferior de que Deus está morto?

Portanto, pode-se esquematizar a teologia liberal da atualidade da seguinte forma:

NÃO-RACIONAL	APENAS O TERMO CONOTATIVO "DEUS"
RACIONAL	- CONTEÚDO NENHUM QUANTO A DEUS – NÃO HÁ DEUS PESSOAL
RACIONAL	DEUS ESTÁ MORTO
	O HOMEM ESTÁ MORTO

No andar de cima, com o vácuo a que nos vimos referindo, não têm esses teólogos idéia de que haja algo que se ache em real e verdadeira correlação com a conotação associada ao *termo* deus. O que admitem é simplesmente uma resposta semântica com base num termo conotativo. Em cima a Nova Teologia fica apenas com um outro filosófico, o tudo infinito e impessoal. Com isto, nós que representamos o pensamento ocidental, somos levados próximos ao Oriente. Esta classe de teólogos perdeu de todo a noção do Deus único, infinito e pessoal da revelação bíblica e da

Reforma. A teologia liberal afeiçoada ao pensamento da atualidade tem apenas *palavras* conotativas de deidade em substituição.

T. H. Huxley demonstrou ser em tudo isso profeta de penetrante visão. Declarou ele em 1890[2] que viria o tempo quando os homens removeriam todo o conteúdo da fé e especialmente das narrativas bíblicas pré-abraâmicas. Então, "não mais em contacto com fato de qualquer espécie, a fé se sobreleva agora e para sempre altiva mente inacessível aos ataques dos infiéis". Porque a teologia moderna aceitou a dicotomia e removeu do mundo do verificável as coisas da religião, está ela hoje na situação que o velho Huxley profetizou. Em bem pouco difere a teologia moderna agora do agnosticismo e mesmo do ateísmo de 1890.

Desta sorte, pois, em nossos dias, a esfera da fé está situada no âmbito do não-racional e não-lógico em oposição ao racional e lógico; o inverificável em contraste com o verificável. Os teólogos do presente usam palavras conotativas de preferência a termos definidos — vocábulos tomados como símbolos sem qualquer definição em contraste com os símbolos científicos sempre cuidadosamente definidos. A fé não se submete a desafios porque ela pode ser qualquer coisa que se deseje — não há meio de discuti-la em categorias normais. Séculos antes estabelecera Tomás de Aquino secções autônomas em seu sistema teológico-filosófico. O resultado é a Nova Teologia de hoje.

Jesus, a Bandeira Indefinida

A Escola Teológica do Deus-Está-Morto ainda faz uso do termo Jesus. Por exemplo, Paul van Buren, em seu livro *The Secular Meaning of The Gospel (O Sentido Secular do Evangelho),* diz que o problema hodierno é que a *palavra* "deus" está morta. E prossegue ele, entretanto, insistindo em que nem por essa perda nós estamos mais empobrecidos, pois tudo de que necessitamos temo-lo no homem Jesus Cristo. Mas Jesus neste contexto não passa de um mero símbolo não definido. O termo *é* usado porque está arraigado na memória da humanidade. É puro Humanismo com uma bandeira religiosa chamada Jesus a que emprestam o conteúdo que preferem. Vê-se, pois, que estes teólogos fizeram uma súbita transferência e inseriram no andar superior a palavra Jesus como termo conotativo. Observe-se, portanto, uma vez mais, que não importa que termo aí se põe — mesmo palavras bíblicas —, se o sistema se fundamenta no salto.

NÃO-RACIONAL JESUS

RACIONALIDADE - DEUS ESTÁ MORTO↑

Isto acentua quão cuidadosos nós os cristãos precisamos ser. No jornal *Weekend Telegraph (Telégrafo de Fim de Semana),* de 16 de dezembro de 1966, Marghanita Laski fala das novas modalidades de misticismo que vê aparecerem e pondera: "em qualquer dos casos como poderíamos nós demonstrar ou provar serem eles verdadeiros ou falsos? " A síntese de sua tese é que os homens estão transferindo os elementos religiosos da órbita do mundo do discutível e relegando-os aos paramos do não-discutível, onde se pode dizer p que bem convier sem temor de comprovação ou descrédito, prova ou negação.

O cristão evangélico precisa ser cuidadoso porque certos evangélicos vêm recentemente asseverando que o que importa não é procurar provar ou negar proposições; o que importa é o encontro com Jesus. Tendo o cristão feito tal afirmação, colocou-se ele, em forma analisada ou não-analisada, no andar superior.

NÃO-RACIONAL	UM ENCONTRO COM JESUS
RACIONAL	NÃO SE PROCURA PROVAR A VERDADE OU FALSIDADE DE PROPOSIÇÕES

Se lemos a noção de que estamos escapando de certas pressões do debate moderno pelo fato de não insistirmos na Escritura proposicional e simplesmente inserirmos o termo "Jesus" ou "experiência" no andar superior, cumpre-nos enfrentar a seguinte questão: Que diferença há entre assim procedermos em relação ao que o mundo secular tem feito em seu misticismo semântico, ou ao que fez a Nova Teologia? O mínimo que se pode dizer é que isto abriu a porta para que o homem pense que tudo vem a ser a mesma coisa. Não há dúvida de que os homens da próxima geração tenderão a identificá-los. Se o que se coloca no andar superior é separado da racionalidade, se as Escrituras não se tomam como passíveis de verificação onde tocam o cosmos e a história, por que se deveria, então, aceitar a preferência do andar superior evangélico ao da moderna teologia radical? Em que base deve ser feita a escolha? Por que não poderia tratar-se simplesmente de um encontro sob o nome de Vixenu? Na verdade, por que não buscar uma experiência, independente do uso de quaisquer termos, na forma da ação de entorpecentes?

A urgente necessidade de nossos dias é compreendermos o sistema moderno como um todo e apreciarmos o significado da dualidade, da dicotomia e do salto. O andar superior, como já vimos, pode assumir muitas formas — algumas religiosas, outras seculares, algumas sujas, outras limpas. A própria essência do sistema conduz ao fato de que o tipo de palavras usadas em relação ao andar superior não importa — nem mesmo o nome tão amado como o de "Jesus".

Cheguei ao ponto em que, ouvindo a palavra "Jesus" — que para mim se reveste de tanto significado por causa da Pessoa do Jesus histórico e Sua obra — fico a escutar cuidadosamente, porque, digo-o com tristeza, receio mais este vocábulo do que quase qualquer outro no mundo atual. O termo é usado hoje em dia como um emblema sem conteúdo a que se convida nossa geração a seguir. Mas não se lhe empresta sentido racional, bíblico, através do qual se possa testá-lo e, dessa forma, a palavra está sendo empregada para ensinar exatamente o oposto daquilo que Jesus ensinou. Inculca-se o termo e insta-se com os homens a que o sigam com fervor altamente motivado, e isto em parte alguma com intensidade maior do que na nova moralidade que resulta da Teologia Nova. É agora prática admitida como própria do seguidor de Jesus o coabitar com uma moça ou com um rapaz, se isto vai ao encontro da necessidade dela ou dele. Se nós havemos como criaturas realmente humanas, estamos seguindo nos passos de Jesus, mesmo que isso importe em coabitarmos com alguém, em flagrante violação, observe-se, da moral específica ensinada por Jesus Cristo. Isto, entretanto, em nada preocupa a esses moralistas, pois que é matéria do andar inferior, a esfera do conteúdo bíblico racional.

Atingimos, pois, a deplorável situação em que o terno "Jesus" se converteu num inimigo da Pessoa e do ensino de Cristo. Devemos temer este emblema sem conteúdo, que é a palavra "Jesus", não porque não O amemos, mas exatamente porque O amamos. Devemos combater esta bandeira sem conteúdo, com sua motivação profunda, enraizada nas lembranças da humanidade, que está sendo manipulada para os fins da forma e do domínio sociológicos. Devemos ensinar a nossos filhos espirituais a também assim procederem.

Esta tendência, que parece ganhar cada vez mais aceleração e momento, me leva a pensar se, quando Jesus disse que nos fins dos tempos surgiriam falsos Cristos, não tinha em mente algo como o que hoje se passa. Não devemos esquecer que o grande inimigo que está para vir é o Anticristo. Não é ele um anti-não-Cristo. É Anticristo. Cada vez mais, nestes últimos poucos anos, o termo "Jesus", despojado do conteúdo bíblico, se tem tornado o inimigo do Jesus da história, o

Jesus que morreu e ressuscitou e virá segunda vez, o eterno Filho de Deus. Sejamos, pois, cuidadosos. Se os cristãos evangélicos começarem a ceder à dicotomia, separando o encontro com Jesus do conteúdo das Escrituras (inclusive do discutível e do verificável), sem o desejarmos entretanto, estaremos lançando tanto a nós mesmos como a geração vindoura no redemoinho do sistema moderno. Este sistema nos cerca como um consenso quase monolítico.

(1) Pantheon, Nova Iorque, 1966.

(2) SCIENCE AND HEBREW TRADITION (A CIÊNCIA E A TRADIÇÃO HEBRAICA), vol.4 de HUXLEY'S COLLECTED ESSAYS (COLEÇÃO DE ENSAIOS DE HUXLEY), Macmillan, Londres, 1902.

7.
Racionalidade e Fé

Algumas das conseqüências de lançar a fé contra a racionalidade em linhas que não refletem a perspectiva bíblica se podem enunciar nos termos seguintes.

A primeira conseqüência de colocar-se o Cristianismo no andar superior diz respeito à moral. Surge a questão de como estabelecer-se um relacionamento de um Cristianismo no andar superior para com a esfera da moral na vida cotidiana. A resposta simples é que tal não é possível. Como vimos, não há categorias no andar superior; portanto, não há maneira de provê-lo com qualquer espécie de categorias! Em conseqüência o que realmente define o chamado "ato cristão" hoje é simplesmente o que o generalizado consenso da igreja ou o dominante conceito da sociedade admite como desejável em determinado momento. Não se pode ter verdadeira moral no mundo real uma vez feita essa dissociação. O que nos resta, em tais circunstâncias, é um formulário de normas éticas inteiramente relativas.

A segunda conseqüência dessa dissociação é que não se tem uma base adequada para o direito, para a lei. O sistema legal da Reforma era, todo ele, calcado no fato de que Deus revelara algo real na própria essência das coisas comuns da vida. Há no antigo prédio do Supremo Tribuna de Lausanne, na Suíça, um lindo quadro pintado por Paul Robert. É intitulado *A Justiça Instruindo os Juizes.* Na parte fronteira desse avantajado mural se exibe não pouco litígio e contenda - a esposa contra o marido, o arquiteto contra o construtor, e assim por diante. Como devem os juizes proceder para julgar as causas em disputa? Esta é a maneira como exercemos o juízo em um país Reformado, diz Paul Robert. Pintou a Justiça com a espada apontando para um livro sobre o qual se lêem estas palavras: "A Lei de Deus". Para o homem da Reforma havia uma base para a lei, para o direito. O homem moderno não apenas repudiou a teologia cristã, mas também alijou a possibilidade do que nossos ancestrais esposavam como base para a moral e para o direito. Outra conseqüência é que tal rejeição põe por terra a solução que se propõe ao problema do mal. A resposta que lhe dá o Cristianismo se alicerça na Queda concebida como ocorrência histórica, no tempo e no espaço, real e completa. O erro de Tomás de Aquino foi a noção de uma Queda incompleta. A verdadeira posição cristã, entretanto, é que, no espaço e no tempo e na história, houve um homem não programado que fez uma escolha, rebelando-se realmente contra Deus. No momento em que se rejeita esta solução, não há como fugir à chocante afirmação de Baudelaire: "Se há um Deus, é-o o Diabo", ou à não menos extravagante conclusão de Archibald MacLeish cm sua peça teatral *J. B.:* "Se Ele é Deus, não pode ser bom; se é bom, não pode ser Deus". À parte da resposta do Cristianismo de que Deus fez um ser humano revestido de significado em uma história com significado, o mal resultando da revolta, primeiro de Satanás, depois do homem, no âmbito histórico do tempo e do espaço, nenhuma outra solução subsiste senão aceitar, com lágrimas, a

aberrante conclusão de Ikiudelaire. Se a histórica solução cristã é rejeitada, o máximo que se pode fazer é saltar para o andar superior o proclamar, contra toda a razão, que Deus é bom. Observe-se que se aceitamos a dualidade, julgando que dessa forma evitamos entrar em conflito com a cultura moderna e com o consenso do pensamento, estamos embalados em pura ilusão, pois quando avançamos uns poucos passos verificamos que nos achamos no mesmo ponto em que eles estão.

A quarta conseqüência de relegar o Cristianismo ao andar superior é que assim sacrificamos nossa possibilidade de evangelizar a verdadeira gente do século vinte no âmbito de seu próprio pensamento. O homem moderno anseia por outra resposta que a de sua própria perdição. Não aceitou a Linha de Desespero e a necessária dicotomia porque o desejasse. Aceitou-as porque, com base no desenvolvimento natural de seus pressupostos racionalistas, não podia deixar de fazê-lo. Pode falar com empáfia por vezes, todavia, após tudo, nada mais *é* do que desespero.

Tem, pois, o Cristianismo a oportunidade de falar claramente quanto ao fato de que a resposta que oferece encerra exatamente aquilo de que se desesperou o homem moderno — a unidade de pensamento. É uma resposta una que abarca a vida como um todo. E verdade que o homem terá de renunciar a seu arraigado racionalismo, entretanto, com base no que se pode discutir, tem ele plena possibilidade de recobrar a racionalidade. Pode-se perceber, agora, por que insisti com tanta ênfase,] anteriormente, na diferença entre racionalismo e racionalidade. Esta perdeu-a o homem moderno. Pode, porém, reavê-la mercê de uma resposta unificada à vida com base no que se abre à verificação e à discussão.

Lembrem-se, portanto, os cristãos, de que se deixarmo-nos apanhar na armadilha contra a qual venho avisando, o que teremos feito é entre outras coisas, pormo-nos na posição em que, na realidade, estaremos enunciando em terminologia evangélica simplesmente o que o incrédulo está dizendo com seus próprios termos. A fim de nos defrontarmos com o homem moderno em perspectiva correta e em bases justas, forçoso nos é remover a dicotomia. Necessário se faz ouvir a Escritura a falar a real verdade tanto a respeito do próprio Deus como da área em que a Bíblia tange a história e o cosmos. É isto que nossos predecessores na Reforma apreenderam de maneira tão cabal.

Na dimensão da eternidade, já o vimos, estamos completamente separados de Deus; na linha da personalidade, porém, fomos feitos à Sua imagem. Portanto, Deus nos pode falar e dizer acerca de Si Mesmo — não de forma exaustiva mas de maneira real, não plena mas verdadeiramente. (Afinal de contas, criaturas finitas que somos, nada poderíamos conhecer em forma exaustiva). Mas Deus nos tem falado também acerca de coisas pertinentes ao reino do finito, ao elemento criado. Deus tem-nos falado coisas verdadeiras acerca do cosmos e da história. Logo, não estamos flutuando a esmo.

Não se pode, porém, obter esta resposta a menos que se nutra o conceito da Bíblia sustentado pela Reforma. Não é questão de revelar-se Deus em Jesus Cristo simplesmente, pois que não há nisto suficiente conteúdo, se o separamos das Escrituras. Nesse caso, faz-se apenas outro emblema sem conteúdo, pois tudo o que sabemos quanto ao que foi essa revelação de Cristo provém das Escrituras. O próprio Jesus não fez distinção entre Sua autoridade e a autoridade das Escrituras. Operou baseado na unidade de Sua própria autoridade e do conteúdo das Escrituras.

Envolvido em tudo isto há o elemento pessoal. Cristo é Senhor de tudo — de todo o aspecto da vida. É inútil proclamar que Ele é o Alfa e o Ômega, o começo e o fim, o Senhor de todas as coisas, se Ele não é o Senhor de toda a minha vida intelectual unificada. Serei falso ou estarei confuso se

cantar a respeito da soberania de Cristo e preservar determinadas áreas de minha vida inteiramente autônomas. Isto é verdadeiro se é a minha vida sexual que se mantém autônoma; porém, é igualmente verdadeiro se a autonomia cabe à minha vida intelectual — ou mesmo a qualquer área altamente selectiva de minha vida intelectual. Qualquer autonomia é improcedente. Uma ciência autônoma ou uma arte autônoma é aberração (se tomarmos ciência ou arte autônomas fora do conteúdo daquilo que Deus nos deu a conhecer). Não quer isto dizer que tenhamos uma ciência ou arte estática—o contrário é que é a verdade. Outorga-nos a forma em cujo âmbito, sendo finito, a liberdade é possível. Não se pode colocar a ciência e a arte na moldura de um andar inferior autônomo sem sofrer o mesmo trágico fim que se tem verificado através da história. Vimos que em todos os casos em que se fez autônomo o andar inferior, não importa o nome que se lhe deu, não decorreu muito tempo antes que o inferior acabasse devorando o superior. Desapareceram, dessa forma, não apenas Deus, mas também a liberdade e o homem.

A Bíblia pode Manter-se por Si Só.

Dizem-me freqüentemente: "Como é que o senhor parece saber comunicar-se com essa gente esdrúxula? Parece conseguir falar-lhes em uma linguagem que entendem, mesmo que não aceitem aquilo que o senhor lhes diz". Muitas podem ser as razões por que assim se dá, mas uma delas é que, sem dúvida, procurai induzi-los a ver o sistema bíblico e sua verdade à parte de um apelo à autoridade cega — isto é, como se crer significasse aceitação simplesmente porque a família crê ou como se o intelecto nada tivesse a ver com a fé.

Foi assim que vim a ser crente. Por muitos anos freqüentei uma igreja "liberal". Concluí que a única resposta compatível com aquilo que costumava ouvir era o agnosticismo ou o ateísmo. Com base na teologia liberal, acho que jamais fizera uma decisão mais lógica em minha vida. Tornei-me agnóstico e, depois, comecei a ler a Bíblia pela primeira vez com o propósito de contrapô-la a certa parcela de filosofia grega que eu estava examinando. Procedi assim como um ato de honestidade, uma vez que havia abandonado de todo o que pensava ser o Cristianismo; contudo, jamais tinha lido a Bíblia inteira. Não decorreram seis meses e eis-me convertido, crente de fato, porque me convencera de que a plena resposta que a Bíblia apresentava era de si a única à altura dos problemas com que eu me debatia então e o era de modo assaz emocionante.

Sempre me vi a pensar visualmente, assim, via os meus problemas como balões a flutuar no espaço. Não conhecia nessa época lautos problemas básicos do pensamento humano como conheço agora. O que, porém, me fascinava (e me fascina ainda) era que, em examinando a Bíblia, descobria que ela não derrubava os problemas, como o faria um canhão anti-aéreo, abatendo os balões individualmente, mas algo ainda mais fascinante. Respondia aos problemas em moldes que eu, embora limitado como era, podia sentir-me como se tivesse à mão um cabo em que os problemas todos se correlacionavam como em um sistema, no contexto geral do que a Bíblia diz ser a verdade. Vez após vez, repetidamente, vejo minha experiência reiterada. É possível tomar-se o sistema que a Bíblia ensina, colocá-lo no mercado das idéias humanas e deixá-lo aí ficar para falar por si mesmo.

Note-se que o sistema da Bíblia é fascinantemente diferente de todo e qualquer outro, porque é o único na religião e na filosofia que nos diz por que pode alguém fazer o que todo mundo deve fazer, isto é, começar consigo próprio. O fato é que não há outro meio de começar à parte de nós mesmos - cada um vê através de seus próprios olhos - e, todavia, isto envolve um problema real. Que direito tenho eu de começar aqui? Nenhum outro sistema explica meu direito de assim fazer.

A Bíblia, porém, dá-me uma resposta quanto a por que posso fazer o que devo fazer, isto é, começar comigo mesmo.

Diz a Bíblia, antes de mais nada, que no princípio foram todas as coisas criadas por um Deus pessoal-infinito, que sempre existira. Isto posto, o que existe é intrinsecamente pessoal antes que impessoal. A Bíblia diz, ademais, que Deus criou todas as coisas fora de Si Mesmo. A frase "fora de Si Mesmo" é, parece-nos, a melhor maneira de expressar a criação à mentalidade do século vinte. Não que se deva tomar a expressão em sentido espacial, pois que o que se tem em mira é negar que a criação é qualquer modalidade de extensão panteísta da essência de Deus. Deus existe — um Deus pessoal que sempre existiu — e criou todas as coisas fora de Si Mesmo. Assim porque o universo se iniciou por um começo verdadeiramente pessoal, amor e comunicação (a grande preocupação do homem do século vinte) não são contrários ao que intrinsecamente existe. O universo teve um princípio pessoal em contraposição ao impessoal e, tal sendo o caso, esses anseios de amor e comunicação que o homem sente não são contrários ao que intrinsecamente existe. E o mundo é um mundo real porque Deus o criou verdadeiramente fora de Si Mesmo. O que Ele criou é objetivamente real, logo, há verdadeira causa e efeito históricos. Existe uma verdadeira história e há um verdadeiro eu.

Neste cenário de uma história dotada de significado diz a Bíblia que Deus fez o homem de maneira especial, à Sua própria imagem. Se não entendemos que a relação **b**ásica do homem é para cima, teremos de procurar descobri-la para baixo. Ao estabelecê-la assim a pessoa que o faz é demasiado antiquada hoje, se se relaciona finalmente com os animais. Hoje, o homem moderno procura relacionar-se com a máquina.

Diz-nos, porém, a Bíblia, que nossa linha de referência não precisa nos levar para baixo. Aponta para cima porque fomos feitos à imagem de Deus. O homem, afinal, não é uma máquina.

Se rejeitamos a origem intrinsecamente pessoal do universo, que alternativa podemos ter? Tem-se de dizer enfaticamente que não há resposta fina, exceto que o homem é produto do impessoal, mais o tempo, mais o acaso. Ninguém jamais conseguiu descobrir personalidade com esta base, embora muitos, como o finado Teilhard de Chardin, o tenham tentado. É uma empreitada simplesmente inexeqüível. A menos que partamos da personalidade, a conclusão de que somos produtos naturais do impessoal, mais o tempo, mais o acaso, é a única a que podemos chegar. E ninguém ainda demonstrou como o tempo mais o acaso podem produzir mudança qualitativa do impessoal para o pessoal.

Se a verdade fosse essa, achar-nos-íamos em situação desesperada, num beco sem saída. Quando, porém, a Bíblia diz que o homem é criado à imagem de um Deus pessoa, ela nos dá um ponto de partida. Nenhum sistema humanista tem provido uma justificativa para que o homem comece consigo próprio. A resposta da Bíblia é totalmente única. A um e ao mesmo tempo, prove a razão por que pode o homem fazer o que deve, começar consigo mesmo; e lhe dita o ponto de referência adequado, o Deus pessoal-infinito. Isto constitui completo contraste para com os demais sistemas em que o homem começa consigo próprio, não sabendo por que tem o direito de partir de si mesmo, nem em que direção começar a avançar tateando.

Começando de Mim Mesmo e Contudo. . .

Quando falamos acerca da possibilidade de começarem os homens de si mesmos para compreenderem o sentido da vida e do universo, devemos acautelar-nos em definir claramente o

que desejamos dizer. Há dois conceitos ou idéias de conhecimento que devem ser conservados distintos. 0 primeiro é o conceito racionalista ou humanista, isto é, de que o homem, começando totalmente independente e autônomo de tudo o mais, pode construir uma ponte para a verdade última — como se tentasse assentar uma ponte de pilares, com uma extremidade do vão apoiada em si mesmo e a outra na outra margem de um espaço infinito. Tal é impossível, porque o homem é finito e, sendo assim, nada tem para que apontar com segurança. Não dispõe de meios para, partindo de si mesmo, estabelecer universais suficientes. Sartre viu este fato com insuperável clareza quando, em decorrência de não encontrar nenhum ponto de referência infinito, chegou à conclusão de que tudo deve ser absurdo.

O segundo conceito é o cristão. Isto é, uma vez que o homem foi criado à imagem de Deus, ele pode começar consigo mesmo - não como infinito mas pessoal; além do importante fato (como adiante veremos) de que Deus Outorgou ao homem decaído um conhecimento de real conteúdo de que ele necessita desesperadamente.

O fato de que o homem é um ser decaído não quer dizer que não mais seja portador da imagem de Deus. Por decair em rebeldia e pecado, não deixou de ser homem. Pode amar, embora decaído. Seria erro afirmar que somente o cristão é capaz de amar. Ademais, um pintor não-cristão pode, a despeito disso, pintar a beleza. E é porque são ainda capacitados a fazer coisas como estas que manifestam serem ainda expressão da imagem de Deus ou, para dizê-lo em outros termos, que podem afirmar sua qualidade única de "humanidade" como homens.

É, pois, algo verdadeiramente maravilhoso que, embora seja o homem distorcido, corrompido, perdido em conseqüência da Queda, é ainda homem. Não se tornou uma máquina, nem animal, nem planta. As marcas da "humanidade" ainda nele subsistem — amor, a racionalidade, o anseio por sentido, o temor do não-ser, e assim por diante. Esse é o caso mesmo quando seu sistema não-cristão o leva a dizer que estas coisas não existem. Entretanto, tais coisas é que o distinguem do mundo animal e vegetal e da máquina. Por outro lado, partindo de si mesmo autonomamente, é bastante óbvio que, sendo finito, jamais pode alcançar qualquer resposta absoluta. Isto seria verdadeiro se fosse somente com base no fato de que o homem é finito; a isto, entretanto, deve-se acrescentar, desde a Queda, o fato de sua rebelião. Rebela-se contra o testemunho do que existe e o perverte — o universo externo e sua forma, e a humanidade dó homem.

A Fonte do Conhecimento de que Necessitamos

Nestas circunstâncias a Bíblia apresenta o seu próprio conceito sobre o que ela mesma é. A Bíblia apresenta-se como a comunicação da verdade proposicional de Deus, escrita em forma verbalizada, àqueles que são leitos à imagem de Deus. Operando sob o pressuposto da uniformidade das causas naturais em um sistema fechado, tanto o pensamento secular quanto o pensamento teológico não-bíblico da atualidade, diriam que isso é impossível. Todavia, é isso precisamente o que a Bíblia afirma apresentar. Tomemos, por exemplo, o que se deu no Sinai (Deut. 5.23-24). Diz Moisés ao povo: "Vós vistes; vós ouvistes". O que ouviram (juntamente com outras coisas) foi uma comunicação proposicional verbalizada de Deus ao homem, em determinada situação histórica no tempo e no espaço. Não foi alguma espécie de experiência existencial, sem conteúdo, nem um salto anti-intelectual. Exatamente o mesmo tipo de comunicação encontramo-lo no Novo Testamento, por exemplo, quando Cristo falou a Paulo em Hebraico no caminho de Damasco. Temos, portanto, de um lado, a espécie de comunicação proposicional

que Deus outorga nas Escrituras; vemos, do outro lado, a quem se dirige esta comunicação proposicional.

A Bíblia ensina que, embora o homem se ache irremediavelmente perdido, nem assim ele é nada. O homem está perdido porque está separado de Deus, seu verdadeiro ponto de referência, em razão de real culpa moral. Mas, a despeito deste fato, jamais será como nada. Nisso reside o horror de sua condição de perdido. Que o homem esteja perdido, em toda sua unicidade e maravilha, é trágico.

Não devemos minimizar as realizações do homem — na ciência, por exemplo, as realizações humanas demonstram que o homem longe está de ser lixo embora o fim a que ele as leva evidenciem quão profundamente perdido o homem está. Nossos antepassados, crendo como criam que o homem está perdido, não tinham problema a respeito do significado do homem. Ele pode influenciar a história, inclusive sua própria eternidade e a dos outros. Esta concepção vê o homem, como homem, como algo realmente maravilhoso.

Em contraste com isto há o racionalista, que se colocou deliberadamente no centro do universo e insiste em começar autonomamente apenas com o conhecimento que é capaz de obter, terminando por se ver destituído de significado e realce, nulo, sem valor real. Chega à mesma conclusão atingida pelo Budismo Zen que, de maneira tão adequada, expressa a noção do homem moderno: "O homem entra na água mas não causa ondulação alguma". Diz, porém, a Bíblia que ele produz ondulações que *jamais* findam. Pecador que é, não pode o homem ser seletivo em sua significação, de sorte que deixa após si boas e más pegadas na história, mas por certo ele não é um zero.

O Cristianismo é um sistema constituído de um elenco de idéias que se podem discutir. Não significamos com o termo "sistema" uma abstração escolástica; não nos esquivamos, porém, de fazer uso da palavra. A Bíblia não exibe pensamentos irrelacionados. O sistema que encerra tem um princípio e se desenvolve desse ponto de partida em moldes que se não contradizem. O ponto de partida é a existência do Deus pessoal-infinito como Criador de tudo o mais que existe. Não é o Cristianismo apenas uma série vaga de experiências incomunicáveis, baseadas em um "salto no escuro", totalmente inverificável. Nem deveriam a conversão (o início da vida cristã) e a espiritualidade (seu crescimento) constituir-se um salto dessa ordem. Relacionam-se ambas firmemente com o Deus que existe e com o conhecimento que Ele nos tem facultado - e ambas envolvem o homem como um todo.

A Mentalidade do "Salto no Escuro"

O homem moderno chegou à posição que o caracteriza na atualidade porque aceitou uma nova atitude para com a verdade. Em parte alguma isto é mais claro e, todavia, mais tragicamente visível que na teologia moderna.

Para visualizar esta nova atitude para com a verdade em perspectiva, consideremos dois outros conceitos da verdade: primeiro, o dos gregos, segundo, o dos judeus. Comumente o conceito helênico da verdade era um sistema ontológico ou metafísico harmoniosamente contrabalançado formando um todo uno e coerente em todos os pontos. O conceito judaico e bíblico da verdade *é* diferente. Não que o conceito racional a que se ativeram os gregos fosse destituído de importância para os judeus, pois que tanto o Antigo quanto o Novo Testamentos operam com base no que se pode discutir em moldes racionais; mas para a mente judaica, algo mais firme era

necessário. E essa base mais firme era um apelo à história real — história no espaço e no tempo que se podia escrever e discutir como história.

A noção moderna da verdade insere uma cunha entre os conceitos grego e judeu, mas o faz no lugar errado. Os adeptos da concepção moderna pintariam os gregos como adstritos à verdade racional e os judeus como existencialistas. Dessa forma, procurariam sustentar que a Bíblia está do lado deles. É um proceder engenhoso, mas completamente errado. O conceito judaico distingue-se da noção helênica exatamente em que se fundamentava aquele na história espácio-temporal, não simplesmente num sistema equilibrado e harmonioso. Entretanto, o conceito bíblico-judaico de verdade é muito mais aproximado do helênico do que do moderno, no sentido de que não nega aquilo que é parcela da humanidade do homem — o anseio pela racionalidade, aquilo que se pode pensar racionalmente e que se poda discutir em termos de antítese.

O Imutável Num Mundo Mutável

Há duas coisas que precisamos apreender firmemente no esforço de comunicar o evangelho na atualidade, quer estejamos falando a nós mesmos, quer a outros cristãos, quer àqueles que estão totalmente fora de nosso círculo. A primeira é que há certos fatos imutáveis e verdadeiros. São fatos que não têm nenhuma relação com as ondas e correntes em constante mudança. Fazem do sistema cristão o que ele é e, se são alterados, o Cristianismo se converte em algo diferente. Este fato requer ênfase porque há cristãos evangélicos em nossos dias que, com toda sinceridade, estão preocupados com sua falta de comunicação, mas no afã de preencher o vácuo tendem a mudar o que deve permanecer inalterado. Se assim procedermos, não mais estaremos comunicando o Cristianismo, e o que afinal nos restará não diferirá muito do consenso que nos cerca.

Contudo, se nos detivermos neste ponto, não poderemos apresentar um quadro harmonioso, equilibrado. Temos de compreender que estamos enfrentando uma situação histórica que sofre rápidas transformações e, se vamos nos lançar à obra de falar acerca do evangelho, precisamos conhecer qual a presente flutuação das formas de pensamento. A menos que assim façamos, os imutáveis princípios do Cristianismo cairão em ouvidos surdos. E se visamos a alcançar os intelectuais e os operários, dois grupos que se acham além do âmbito de nossas Igrejas de classe média, então impõe-se-nos um minucioso esquadrinhamento do coração quanto a como podemos falar sobre o que é eterno em uma situação histórica em constante mudança.

É muito mais confortável, naturalmente, continuar rotineiramente proclamando o evangelho apenas em frases familiares àqueles que constituem a classe média. Isso, entretanto, seria tão injustificável quanto o teria sido, por exemplo, se Hudson Taylor enviasse missionários à China e lhes determinasse que aprendessem apenas um dos três dialetos diferentes falados por aquele povo. Tal fosse o caso, apenas um dentre os três grupos *teria condições* de ouvir o evangelho. Não podemos imaginar que Hudson Taylor fosse de coração tão empedernido. É claro que ele sabia que os homens não crêem sem a obra do Espírito Santo nos seus corações e sua vida foi toda de oração para que isto acontecesse; mas, ao mesmo tempo, ele sabia que os homens não podem crer sem ouvir o evangelho. Cada geração da igreja, em suas circunstâncias particulares, em seu cenário próprio, tem a responsabilidade de comunicar o evangelho em termos que se possam entender, consideradas a linguagem e as formas de pensamento do ambiente ou período específico em que a comunicação se processa.

De um modo paralelo, estamos sendo tão abusiva-' mente injustos, até mesmo egoístas, em relação à nossa própria geração, como se os missionários tivessem deliberadamente falado em

um^ó dialeto. A razão por que não raro não podemos falar a nossos filhos, muito menos aos dos outros, é que jamais nos demos ao trabalho de ponderar quão diferentes das nossas são suas formas de pensamento. Mercê da leitura e da orientação educacional, bem como do maciço bombardeio cultural que os meios de comunicação às massas estão hoje promovendo, até mesmo os filhos da classe média estão se tornando expressão integral da perspectiva do século vinte. Em áreas cruciais muitos pais, ministros e educadores cristãos estão na atualidade tão fora de sintonia com numerosos contingentes de filhos da própria igreja e com a vasta maioria dos que não lhe pertencem, como se estivessem falando uma língua estrangeira.

Concluímos, pois, afirmando que o que se diz neste livreto não é uma simples matéria de debate intelectual. não é algo que deva ser de interesse puramente acadêmico. É assunto decisivamente crucial àqueles dentre nós que nutrem o sério propósito de comunicar o evangelho cristão neste século vinte. '

A Aliança Bíblica Universitária do Brasil é uma comunidade interdenominacional de cristãos com o intuito de apresentar a mensagem de Jesus Cristo no meio universitário. O propósito principal da ABU é estabelecer um testemunho evangélico ativo nas Universidades, edificar a vida espiritual dos estudantes universitários e desenvolver as habilidades de liderança que os ajudará a treinar outros.

Os editores esperam que a leitura deste livro tenha sido de real valor na vida do leitor, e receberão de bom grado quaisquer comentários a respeito.

A fim de atingir esse propósito, a ABU empenha-se em lançar uma selecionada literatura cristã ao alcance dos estudantes. Uma lista de outras obras poderá ser obtida sob pedidos à ABU.

Em todos os estados do Brasil tem se estabelecido agora um ministério dos estudantes; um corpo de elementos treinados e um grande número de obreiros voluntários dão assistência aos estudantes através de conferências e encontros evangelísticos. Para saber mais como você pode participar neste ministério, entre em contacto com a:

Aliança Bíblica Universitária do Brasil

Caixa Postal, 30.505

01.0 - São Paulo – Capital

A MORTE da RAZÃO

O homem já morreu. Deus já morreu. A vida se tornou uma existência sem significado, e o homem não passa de uma roda na engrenagem. A única via de escape passa por um mundo fantástico de experiências, drogas, absurdos, pornografia, uma "experiência final" elusiva, e de loucura.

Se esta é a mentalidade do século vinte, como aconteceu? E como podemos fazer com que a fé cristã tenha sentido para o mundo de hoje? Dr. Schaeffer, Diretor da Comunidad L'Abri na Suíça, mostra o histórico de como a arte e a filosofia têm sido o espelho do dualismo existente no pensamento ocidental desde o tempo da Renascença. Hoje, este dualismo se expressa no desespero quanto ao descobrir o racional, e no escape para o mundo não racional que é o único que oferece alguma esperança. Esta tendência é vista na literatura, na arte e na música, no teatro e no cinema, na televisão e na cultura popular.